





**GASPAR**  
**FRUTUOSO**  
*E A SAUDADE*



JOSÉ LUÍS  
BRANDÃO  
DA LUZ

---

**GASPAR  
FRUTUOSO**  
*E A SAUDADE*

Letras  
**Lavadas**<sup>®</sup>  
edições

**Título**

**GASPAR FRUTUOSO E A SAUDADE**

**Autor**

José Luís Brandão da Luz

**Edição**

© Letras Lavadas edições

Ponta Delgada, julho de 2022

**Capa, paginação e execução gráfica**

Nova Gráfica, Lda. - Ponta Delgada

Depósito Legal: ??????/??

PUBLIÇOR – Publicações e Publicidade, Lda.

Rua da Praia dos Santos n.º 10 – S. Roque

9500-706 Ponta Delgada

Telefone 296 630 080 | Fax 296 630 089

E-mail: publicor@publicor.pt | www.publicor.pt

© Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização expressa do autor e editor.

## APRESENTAÇÃO

Gaspar Frutuoso nasceu em Ponta Delgada, em 1522, e faleceu na então vila da Ribeira Grande, onde era vigário e pregador da sua principal igreja, em 1591. Na Universidade de Salamanca, obteve a graduação em Artes e também em Teologia, tendo feito o doutoramento mais tarde, em data que se desconhece, muito provavelmente na mesma Universidade ou em Évora. De regresso à sua ilha natal teria iniciado a recolha de documentos e de informações sobre aspetos da história das ilhas, que serviram de base aos seis livros das *Saudades da Terra*, considerados o primeiro registo circunstanciado dos Açores, desde a descoberta e povoamento, bem como dos restantes arquipélagos do Atlântico Norte. Neles podemos encontrar, a par de muitos dados genealógicos, a identificação geográfica das ilhas, a natureza do seu solo e toda a sua organização social, política, económica e religiosa. Sobressai ainda, ao longo dos seus oito volumes, profusas referências aos animais e plantas que preenchem os diferentes espaços que descreve, assim como curiosas análises de ocorrências sísmicas e vulcânicas, classificações geológicas e relatos climatéricos, que Frutuoso procura apresentar no quadro de uma causalidade natural, como é próprio de um espírito renascentista cultivado e atento à observação direta dos fenómenos.

A nossa abordagem, nestes três ensaios, não irá incidir nos aspetos históricos, genealógicos e científicos, dominantes na obra do autor quinhentista, mas visa antes chamar a atenção para o conjunto de recursos que a integram na linha da Filosofia da Saudade, que vários estudos têm procurado apresentar como chancela de um pensamento tipicamente português. Os diálogos entre duas personagens, a Verdade

e a Fama, que preenchem os primeiros capítulos do *Livro Primeiro das Saudades da Terra*, bem como o livro de teor doutrinário *Saudades do Céu*, apresentam de forma alegórica o caminho de regeneração do homem e da sociedade, apontando para a recuperação de um estilo de vida que se perdeu e de que se conserva uma pungente saudade. De forma mais coloquial ou mais especulativa, o autor expõe a sua conceção do homem e da história, em que a liberdade se define perante a ordem incondicional da verdade e do bem, ao mesmo tempo que procura apresentar o significado da verdade e perceber o sentido da saudade, no itinerário de uma vida que se deseja de autenticidade.

Os três ensaios que aqui republicamos, a partir de um livro que tem por título *Os Açores na Filosofia e na Cultura. Estudos II*, cumprem o propósito de evocar os quinhentos anos do nascimento de Gaspar Frutuoso, o cronista das ilhas, junto dos ilustres participantes dos encontros que, com reconhecido sucesso, o Dr. Rui César tem vindo a realizar periodicamente em Ponta Delgada, há cerca de quatro décadas, nas áreas da endocrinologia, nutrição e diabetologia, e que este ano têm lugar de 25 a 28 de outubro de 2022.

Ponta Delgada, 21 de Março de 2022

*José Luís Brandão da Luz*

## “AS MINHAS NOTAS”

Apesar de ainda vivermos tempos conturbados e bem difíceis, à conta de uma pandemia que não nos quer dar tréguas, algum otimismo nos vai ajudando a ultrapassar a ansiedade, de nos podermos voltar a encontrar presencialmente, ao fim de 3 anos, nesta ilha paradisíaca, como é S. Miguel, entre 25 e 28 do mês de Outubro de 2022. A qualidade científica das nossas reuniões, dizemo-lo com sentido orgulho, não pode deixar de acontecer! O Serviço de Endocrinologia e Nutrição do HDES, tem de manter o prestígio granjeado ao longo destes trinta e cinco anos, é uma obrigação, sem sofismas! Tivemos que abrir mão da nossa casa, pela impossibilidade de introduzir, no Hospital do Divino Espírito Santo, 400 a 500 participantes, pois os tempos ainda não são suscetíveis de facilitação!...

Neste novo evento Científico, temos mais uma vez oportunidade de divulgar um vulto da História dos Açores, de Portugal e até da Europa, no dizer do Prof Hermano Saraiva - “O Doutor Gaspar Frutuoso, foi um dos grandes escritores do Século XVI, dentre Luís de Camões, Fernão Mendes Pinto, Fernão Lopes Castanheda e João de Barros” - “Escreveu um Livro Notável e tão pouco difundido! Ficou na gaveta dos Jesuítas, até ao Século XIX”!... Tem por título “As Saudades da Terra”.

Um prestigiado Micaelense infelizmente, tão mal conhecido!... Comemora-se este ano, o 5º Centenário do seu nascimento.

Muito agradecemos, ao Prof Doutor José Luís Brandão da Luz, ter-nos permitido, também participar destas comemorações, com os seus três

ensaios agora republicados, mantendo a nossa sempre vontade de dar a conhecer, todos os valores, deste recanto do paraíso, que são os Açores!...

Bem-haja Senhor Professor!...

O Presidente do Congresso



Rui Carlos Correia Das Luz

# 1

## O HOMEM E A HISTÓRIA EM GASPAR FRUTUOSO

### 1. Vida e obra

A conceção do homem e a visão da história que Gaspar Frutuoso expõe nas *Saudades da Terra* conferem a esta obra ímpar da historiografia de quinhentos um carácter especulativo que aponta horizontes para além daqueles que, com especial relevo, nela se vislumbram no âmbito da história.

As *Saudades da Terra* constituem o primeiro registo circunstanciado dos Açores, desde a descoberta e do povoamento, e foram publicadas pelo Instituto Cultural de Ponta Delgada, em oito volumes, de 1977 a 1987. Incluem também referências minuciosas à Madeira e às Canárias, além de discutirem aspetos da política da expansão de Portugal e de Castela relacionados com o descobrimento de Cabo Verde, Antilhas e Molucas. No seu conjunto, a obra abrange os mais variados assuntos, como as genealogias e a identificação geográfica das ilhas, a natureza do seu solo e toda a sua organização social, política, económica e religiosa. Nela o seu autor revela um domínio familiar dos clássicos, assim como dos poetas e cronistas portugueses e espanhóis do seu tempo. Simultaneamente, manifesta uma especial inclinação para a descrição e análise dos fenómenos naturais, denotando uma clara preocupação em dar uma visão esclarecida da natureza, por critérios científicos de conhecimento.

Nascido em Ponta Delgada em 1522, Gaspar Frutuoso faleceu em 1591 na sua ilha natal, onde também foi ordenado sacerdote com cerca de 31 anos de idade. Frequentou a Universidade de Salamanca,

tendo obtido os bacharelatos em Artes, em 1549, e em Teologia, em 1558. Nesta cidade, manteve grande proximidade com a Companhia de Jesus, convivendo muito de perto com o P. Miguel Torres, amigo e companheiro de Santo Inácio, que desenvolveu importante atividade em Espanha e em Portugal. Esta ligação intensificou-se com a lecionação no Colégio que os jesuítas haviam fundado em Bragança, por solicitação do prelado da diocese, D. Julião d'Alva, de quem Frutuoso foi íntimo colaborador na administração da então diocese de Miranda<sup>1</sup>. Esteve também particularmente envolvido na instalação da Companhia em S. Miguel, considerando-a indispensável para promover a urgente educação e instrução da sociedade.

A convivência com os jesuítas fez supor ao seu biógrafo a probabilidade de se ter doutorado em Évora, o que poderia ter ocorrido na primeira metade da década de sessenta. Todavia, não existe nenhum documento que comprove em que universidade o grau foi obtido, quer por não terem sido conclusivas as pesquisas efetuadas nos arquivos de Salamanca e de Coimbra, quer também por só existirem registos na Universidade de Évora a partir de 1569.

Após 17 anos de permanência em Portugal e em Espanha, Frutuoso regressou definitivamente a S. Miguel, onde exerceu até à morte o ministério sacerdotal na então Vila da Ribeira Grande. A partir dessa altura, deveria ter iniciado a fase importante da recolha de documentos e de informações sobre aspetos da história das ilhas, o que o teria levado a viajar pelo Arquipélago, pelo menos por algumas ilhas<sup>2</sup>. De várias passagens da obra, infere-se que o autor a trabalhou até ao final da sua vida, introduzindo no manuscrito novas informações e aperfeiçoando a redação.

---

<sup>1</sup> Cf. Rodrigo Rodrigues, «Notícia biográfica do Dr. Gaspar Frutuoso», pp. XXXIII-XXXIV.

<sup>2</sup> Rodrigo Rodrigues encontrou, num livro de casamentos da Matriz da Ribeira Grande, um termo de junho de 1573 que dá Frutuoso como ausente da paróquia. Outro registo no referido livro, com a sua letra e assinatura, só volta a aparecer em outubro desse ano, o que permite associar a sua ausência a eventuais viagens de pesquisa para a composição da obra (cf. Rodrigo Rodrigues, «Notícia biográfica do Dr. Gaspar Frutuoso», pp. XL-XLI).

Mas o legado de Frutuoso contemplava ainda uma coletânea de «dezasseis manuscritos de sua Teologia de sua própria letra»<sup>3</sup> que deixou à guarda do Jesuítas do Colégio de Ponta Delgada, como aconteceu aliás com todo o seu espólio bibliográfico. Sabe-se da sua existência pelas referências que o P. António Cordeiro deixou na sua *História Insulana*, mas não se conhece o seu paradeiro. Melhor sorte teve o manuscrito *Saudades do Céu*, que apenas em 2011 foi editado pelo Instituto Cultural de Ponta Delgada. Deveria ter sido escrito no período em que terminava a redação das *Saudades da Terra*, no final da vida, como o próprio Frutuoso deixa transparecer e como também assevera o P. António Cordeiro<sup>4</sup>.

## 2. O simbolismo de Frutuoso

Não deixa de constituir uma certa perplexidade e de suscitar diversas interrogações que as *Saudades da Terra* se detenham, logo no seu início, num discurso de carácter alegórico centrado em duas personificações de elevado simbolismo, a Verdade e a Fama. E esta perplexidade é tanto maior

<sup>3</sup> António Cordeiro, *Historia Insulana*, p. 46.

<sup>4</sup> Cf. Gaspar Frutuoso, *Saudades do Céu*, p. 31; António Cordeiro, *Historia Insulana*, p. 497. João de Simas, com base na caligrafia dos “autógrafos” da obra histórica de Frutuoso, nas cópias existentes em diversas bibliotecas e nas referências deixadas por vários autores, reúne argumentos muito pertinentes que põem em dúvida não apenas o período da vida em que Frutuoso teria redigido as *Saudades do Céu* e o *Livro Quinto das Saudades da Terra*, mas também a autenticidade da denominação da obra que engloba os seis livros das *Saudades da Terra* (Cf. João de Simas, «Notícia bibliográfica das *Saudades da Terra*», pp. LVI-LXVII). Na «Breve análise codicológica de *Saudades do Céu*» que Rute Gregório escreveu para a edição deste livro, afasta a hipótese de se tratar dum documento autógrafo, encontrando «similitudes de letra entre o caderno que compõe as *Saudades do Céu* e outros cadernos de *Saudades da Terra*». Sem pretender desvalorizar a importância das questões levantadas por João de Simas, que já ao tempo reclamava um «indispensável e rigoroso exame paleográfico» (*Ibidem*, p. LXVII) dos fólios, passamos ao lado das questões relacionadas com as diferentes caligrafias do manuscrito, para ensaiar apenas uma interpretação apoiada na leitura dos próprios textos.

pela orientação que o autor confere à obra, em perfeita consonância com as exigências do naturalismo humanista do Renascimento, de modo a assegurar uma visão das ilhas com base na recolha de dados e na observação direta, nos limites de uma causalidade natural. Nela encontramos várias e profusas referências aos animais e plantas que preenchem os diferentes espaços que descreve, assim como curiosas explicações de ocorrências vulcânicas e classificações geológicas, a par do registo de tradições e de documentos em que as sociedades insulares se reveem nos traços que configuram a sua organização social, administração pública, exploração agrícola e florestal, empreendimentos industriais, expansão comercial, etc., num estilo em tudo diferente da discursividade dos primeiros oito capítulos do *Livro Primeiro das Saudades da Terra*.

Para além do valor intrínseco que essas primeiras páginas possuem, a sua importância é tanto mais saliente quanto elas parecem corresponder ao apreço que o próprio autor lhes atribuía, a avaliar pelo estado de composição dos originais. Na verdade, ao contrário do que terá acontecido com outros livros das *Saudades da Terra*, a sua redação final em nada foi negligenciada, tendo sido objeto de uma revisão cuidada e integral, em que «a quase ausência de entrelinhas do seu próprio punho e o apuro da letra, sempre cuidadosamente traçada, são indícios de um trabalho feito com vagar e trasladado com carinho»<sup>5</sup>. Um tal estado de coisas, mesmo admitindo a elevada probabilidade do manuscrito ter sido efetuado por outrem, não só permite presumir que o texto já estaria pronto para ser publicado, mas reforça também a convicção do destaque que o autor lhe concedia no conspecto geral da sua obra.

Nos oito capítulos do *Livro Primeiro das Saudades da Terra*, Gaspar Frutuoso apresenta referências essenciais e elementos nucleares que deixam transparecer, de um modo suficientemente explícito, o sentido e o alcance de uma filosofia da história. Os padrões da tradição cristã inspiram claramente a conceção do homem, em que a liberdade na história se define perante a ordem incondicional da verdade e do bem. Recorrendo a uma simbólica que pertence à mundividência do *Génesis*,

---

<sup>5</sup> J. B. Oliveira Rodrigues, «O manuscrito original das *Saudades da Terra*», p. CXXIII.

centrada na experiência do pecado e da culpabilidade, a narrativa frutuossiana apresenta-se como uma hermenêutica das componentes envolventes da situação do homem e, simultaneamente, como uma especulação sobre a sua posição na história. Desta forma, o texto não deixa de representar um esforço interpretativo para dar a conhecer uma significação que instaura a ação humana numa relação vinculativa com um universo de sentido primordial dentro do qual se determina.

Jamais poderemos coincidir com toda a densidade do simbolismo que pretendemos compreender, pelo que o seu significado só parcialmente nos será acessível. A articulação discursiva constitui um meio privilegiado para conduzir ao desocultamento dessa ordem de razões últimas que, embora se possa manifestar e reconhecer em diversos esforços de interpretação, sempre excede os limites das enunciações que a procuram tornar expressiva. A obscuridade nunca se dissipa, mas sobrevém sempre à clarificação que se possa operar. Não obstante, o universo dos símbolos, apesar de resistir ao esforço para o transformar «em conhecimento e em gnose»<sup>6</sup>, não deixa de constituir um domínio sapiencial fundamental, com que o homem se sente constantemente confrontado. É certo que, em todo este processo, o problema da elucidação do fundamento último parece sempre irremediavelmente adiado, podendo por isso provocar a deserção de alguns espíritos, que poderão até duvidar da sua pertinência e até legitimidade. Mas poderá também pôr em evidência o que esse dinamismo pressupõe, ou seja, que em todas as tentativas que o homem empreende «circula uma mesma ideia, ao mesmo tempo unificadora e reveladora, que é a ideia de verdade»<sup>7</sup>. Se não dispomos de uma linguagem privilegiada que revele o sentido último que legitima todos os discursos é porque a questão da verdade se coloca em todos eles, sem que nenhum possa, no entanto, pronunciar uma palavra que seja definitiva. Diversos autores têm sublinhado a densidade do universo simbólico e dos mitos, assim como o poder interpelante que exercem no homem. Porque não é possível circunscrevê-los nos limites de um saber racional, eles introduzem uma

---

<sup>6</sup> Paul Ricoeur, *Le conflit des interprétations*, p. 327.

<sup>7</sup> Jean Ladrière, *A Articulação do Sentido*, p. 43.

ordem de sentido que sempre nos dará que pensar, como Ricoeur refere em diferentes passos da sua obra para exprimir a convicção de que «há sempre mais nos mitos e nos símbolos do que em toda a nossa filosofia»<sup>8</sup>.

O poder de criar um «*sistema simbólico*» constitui uma marca da singularidade do homem que, como afirmou Cassirer, lhe permite viver «numa nova *dimensão* da realidade»<sup>9</sup>. A vida não se deixa compreender numa linha de continuidade com o universo físico, mas reflete toda a complexidade de uma rede simbólica em que a linguagem, os mitos, a ciência, a arte e a religião constituem diferentes manifestações da cultura humana que, «como um todo, pode ser descrita como um processo de progressiva autolibertação do homem»<sup>10</sup>. O universo simbólico e os mitos encerram virtuosidades de compreensão do mundo e da ação humana que os tornam, como diz Gusdorf, numa «metafísica antes da metafísica»<sup>11</sup>. Eles inscrevem o agir humano num contexto de inteligibilidade transfenoménica, em que a relação do homem com o mundo físico e social se faz inevitavelmente sob o signo da mediação. Mas, ao mesmo tempo, fazem intervir um universo metacategorial, que confere um carácter paradigmático ou de exemplaridade ao mundo profano: «a *realidade* só é atingida pela *repetição* ou pela *participação*; tudo o que não possui um modelo exemplar é 'desprovido de sentido', isto é, não possui realidade»<sup>12</sup>.

Nesta sequência, a filosofia estruturalista apelou para a necessidade de empreender um movimento de penetração nas várias dimensões do universo mítico, com vista a decifrar as significações subjacentes aos fenómenos sociais e culturais. Uma vez que nenhuma das versões em que a narrativa mitológica se exprime é, por si só, suficiente para manifestar a chave da sua decifração, haverá que estabelecer entre elas uma ligação a fim de, a partir do reconhecimento dos elementos comuns, organizar as linhas essenciais em que o mito se pode configurar. O mito não se

---

<sup>8</sup> Paul Ricoeur, *Le conflit des interprétations*, p. 328.

<sup>9</sup> Ernst Cassirer, *An Essay on Man*, p. 24.

<sup>10</sup> *Ibidem*, p. 228.

<sup>11</sup> Georges Gusdorf, *Mythe et métaphysique*, p. 244.

<sup>12</sup> Mircea Eliade, *O Mito do Eterno Retorno*, p. 49.

deixa interpretar a partir de um único nível, e a significação de cada um dos seus elementos ou das narrativas que o exprimem depende da posição no universo mitológico. É considerando as suas relações que poderemos constituir o seu sentido, o que confere uma natureza circular ao universo mitológico: qualquer ponto de partida envolve sempre a totalidade do sistema e é a partir desta relação que o significado e o sentido se constituem<sup>13</sup>.

Se a análise estruturalista procura determinar o sentido do mito centrando-se nas suas diferentes narrativas, sem se fixar nas diversas formas de conceptualização que o sujeito apresenta, a filosofia hermenêutica, porém, não dissocia a busca do sentido do simbólico de uma circularidade em que a subjetividade intervém para compreender as representações e as vivências que o sujeito possa protagonizar. Será nesta base que o texto de Gaspar Frutuoso nos interessa, pelo que a sua abordagem exigirá da nossa parte o que Gadamer exprimiu metaforicamente como uma «fusão de horizontes», ou seja, um esforço de descentração do envolvimento das nossas referências individuais para nos situarmos no contexto das pressuposições que o autor eventualmente faz intervir no seu discurso e que estão ainda em consonância com as interrogações que presentemente formulamos.

### 3. O sentido da história

A evocação de um «tempo» primordial, escasso e sem história, confere à narrativa de Frutuoso o enquadramento a partir do qual se elaboram o sentido e o significado dos diversos acontecimentos do devir histórico, não deixando de transmitir a perspectiva doutrinária que irá enformar a sua posição. A uma situação originária de fruição contemplativa da verdade, da perfeita harmonia entre o querer e o saber, opõe-se uma visão do homem que, por um único gesto, põe ponto final a um tempo de inocência e imediatamente enceta um ciclo de maldição e de exílio. O momento da queda marca a transição destes dois estados, em que o primeiro pecado aparece como a perda de um modo de ser anterior, de simplicidade e pureza, e o começo de um exílio expiatório, que inicia um longo período de errância, desterro, abandono e esquecimento.

---

<sup>13</sup> Cf. Acílio E. Rocha, *Problemática do Estruturalismo*, pp. 163-167 e 197-221.

Tal como o redator do *Génesis*, Frutuoso realça bem os atributos que assinalam o contraste entre as duas situações. Ao mesmo tempo, acentua as dramáticas implicações que advêm a partir da queda, nomeadamente, o distanciamento que a vida das pessoas toma em relação à Verdade, que se lastima deste jeito: «Não entendo a linguagem das gentes, nem me entendem. Ouço tantos vasconços disfraçados, vejo tantos disfraces novos vasconçados; sendo eu tão clara, fico obscura e triste»<sup>14</sup>.

Na descrição do estado de inocência, o homem é caracterizado com os contornos próprios de uma criança, que não terá mais do que estender as mãos para colher os frutos dos jardins do Éden. No entanto, acrescenta:

depois de perdidas as claras fontes, ricos rios, deixados os jardins de doces frutos e fermosos, acabando de perder aquela quieta, segura e descansada vida, sem calmas nem frios, sem ventos nem chuvas, sem trabalhos nem dores, sem nenhuns perigos e infortúnios; vestidos de peles peregrinando pelo vale de lágrimas nossos ayos, começaram-se tantas envejas e contendidas antre os filhos, começaram-se mais que civis batalhas e mortes cruas; tanto que, contendendo antre si, me perderam quase todos e fiquei, como digo, engeitada, desterrada e aborrecida no mundo e sem viver<sup>15</sup>.

A caracterização do homem decaído concentra-se na personagem principal, a Verdade, que protagoniza o rol de maldições que originam um ambiente de hostilidade para com a natureza e a deterioração das relações humanas. A iminência angustiante do afrontamento da morte é a maldição suprema, condenando-a «a viver sem acabar, morrendo sempre por que esteja de contínuo em roda viva a minha morte e em roda mortal esteja voltando sempre à mortal vida»<sup>16</sup>. A morte aparece como o estigma de uma vida afastada da sua razão de ser, que é uma «vida de muitas mortes cheia»<sup>17</sup>, em tudo semelhante às flores do campo, que

---

<sup>14</sup> Gaspar Frutuoso, *Livro Primeiro das Saudades da Terra*, p. 5.

<sup>15</sup> *Ibidem*, p. 4.

<sup>16</sup> *Ibidem*, p. 4.

<sup>17</sup> *Ibidem*, p. 6.

subitamente perdem o vigor e «em breve tempo, não têm ser, nem nome, nem fruto, nem lugar onde o achar cuidavam e pretendiam»<sup>18</sup>. Num tom lastimoso e pessimista, deplora a fatalidade que a atingiu e a impede de dar expressão à sua inclinação natural de se difundir e comunicar, como, aliás, é próprio de todo o bem que «se não pode chamar bem, se não se comunica»<sup>19</sup>.

O autor procura uma explicação para este persistente infortúnio da Verdade, considerando-o, numa primeira aproximação, obra de um destino que lhe não era favorável e a mantinha permanentemente submetida ao seu implacável sortilégio. Porém, numa explicação de segunda ordem, mais elaborada, afasta-se de considerações de teor irracionalista e desenvolve uma especulação apoiada na intervenção da liberdade do homem. Assim, a mudança de um estado, em que a Verdade era tida pelos homens em grande conta, para aquele outro em que agora vive, sem ventura, enjeitada, «sem honra e sem vida», não se compreende como correspondendo a uma vontade sua, mas traduz uma livre decisão do homem, já que Deus «lhe deu livre arbítrio pera escolher o que quisesse»<sup>20</sup>. O autor afasta, desta forma, o suporte teórico para uma interpretação pessimista e fatalista que pretendesse assumir nesta parte da obra. O argumento constrói-se com base no carácter exemplar e intemporal da Verdade e na responsabilidade inerente à liberdade humana de ocultar o seu brilho, que a torna, lastima ela,

para todos quase morta, mais porque eles assi o quiseram que porque eu lho mereça, nem me lembra que nunca lho merecesse; antes o desejo que eu tenho de viver em sua companhia, e o que eles houveram de ter da minha, nunca lho eu desmereci, nunca mo eles mereceram<sup>21</sup>.

A intenção parece ser, não tanto justificar um modo de vida solitário, evasivo e antissocial, mas antes exortar a um tipo de vida «onde não

---

<sup>18</sup> *Ibidem*, p. 13.

<sup>19</sup> *Ibidem*, p. 21.

<sup>20</sup> *Ibidem*, p. 3.

<sup>21</sup> *Ibidem*, p. 8.

há senão cousas governadas na obediência do Criador que as criou todas»<sup>22</sup>. Daí a identificação com a censura feita por certos filósofos da antiguidade, que lastimavam o facto de que «todos os mortais, que habitam sobre a face da Terra, vão desviados, e muito longe, da justiça e da verdade, servindo quase todos a avariza e a vanglória com loucura e torpeza tão perdida»<sup>23</sup>.

A condenação ao exílio, por ser de todos rejeitada, sem «outra ventura mais ditosa que andar de monte em monte, de vale em vale, antre serras e antre gados desconhecida, homiziada, abscondida, avorrecida e sem prazer»<sup>24</sup>, resulta do veredicto pronunciado por uma humanidade que opta por viver sem autenticidade, isto é, que deixou de querer orientar a sua vida pelas exigências da verdade. Por isso o exílio representa a única alternativa a uma pátria na qual, como afirma, «a vida me era morte de cada dia e cada hora; que, quem tem razão, mortes suas pode chamar às sem razões alheias. E por as gentes se governarem já por opinião e pompa, deixando a verdade aparte»<sup>25</sup>. Um estilo de vida norteado pelos critérios da verdade e da justiça continua sendo apontado como a forma de reverter o que a liberdade humana desfigurou. A Verdade não perdeu o seu valor, apesar de a vontade dos homens a ter querido ignorar, mas continua a oferecer o caminho para acabar com os desacertos humanos e com a decadência social das ilhas, onde a insensibilidade das pessoas para com a verdade e o baixo nível cultural da sociedade fazem crescer as injustiças e as desigualdades sociais.

#### 4. As tensões da vida mundana

Na obra de Frutuoso, a condição humana aparece numa dimensão sofredora, em que a perda da inocência do par primitivo se apresenta como indutora de todas as desregulações e dissimulações a que passa a estar sujeita. Respira-se nela uma atmosfera com densidade semelhante à que a narrativa do *Génesis* apresenta, e que a interpretação de Gusdorf

---

<sup>22</sup> *Ibidem*, p. 9.

<sup>23</sup> *Ibidem*, p. 12.

<sup>24</sup> *Ibidem*, p. 15.

<sup>25</sup> *Ibidem*, pp. 8-9.

fez evoluir em redor da crescente degradação do homem primitivo e dos apelos para restabelecer de novo o sentido do seu agir<sup>26</sup>.

A descrição da vida primitiva de Adão mostrava-o em perfeita harmonia com a ordem estabelecida nos jardins do Paraíso. Nada parecia ocorrer que pudesse perturbar o fluir do seu relacionamento com as coisas e, até mesmo, o fizesse despertar do alheamento em que parecia viver com relação a si. A saída desta solidão fez-se à custa duma cisão, que pôs do lado de fora de Adão parte do próprio corpo, fazendo aparecer o outro, que veio assim preencher o vazio e a insatisfação de que se sentia possuído. A história da relação que entretanto marca o ritmo de vida do par primitivo evolui, como é sabido, por entre episódios de resistência e cedência às interpelações exteriores que irão fazer despertar a consciência da sua dimensão existencial. O confronto com a irreparável perda da unidade original desencadeia diligências de reabilitação, e será a mediação do outro que fará Adão perceber dimensões que não pareciam visíveis na configuração que inicialmente formava de si próprio. Esta tomada de consciência opera a transformação da ordem mental estabelecida, obrigando a dissimular as aparências e a descobrir que não é apenas o que pensava ser. A necessidade de integrar no conhecimento de si o que representa para o outro desperta-o para a meditação do que ele próprio é, assumindo assim o outro o papel de o colocar no caminho da interioridade, ou seja, da procura da identidade.

A consciência da descontinuidade que o desfazer da aliança operou introduziu a preocupação de dissimular os sinais visíveis dessa rutura. Ao esconder a nudez do corpo e ao subtrair-se dos olhares de Deus, Adão toma claramente consciência «da brusca ocultação do sentido da sua vida»<sup>27</sup>. Dissimulado e escondido, experimenta a necessidade de se reencontrar e de se perspetivar de novo. Torna-se o centro da própria reflexão, que assim se mostra indispensável para restabelecer a via dum regresso a Deus. Desta forma, Gusdorf propõe-se ler a interpelação que Deus dirige a Adão, ao perguntar-lhe porque se escondia e já não corria ao seu encontro, como uma transferência da necessidade

---

<sup>26</sup> Cf. Georges Gusdorf, *Les écritures du moi*, pp. 106-117.

<sup>27</sup> *Ibidem*, p. 109.

que ele experimentava de se repensar a partir do seu próprio vazio. Esta perturbação pela perda de coordenadas escatológicas do sentido último da vida repete-se na geração seguinte quando, após o fratricídio, Caim se confessa errante, sem destino na Terra, escondido e longe da face de Deus. Em todas as situações, ressalta a recusa de confinar a vida à sequência de acontecimentos que lhe marcam o ritmo. E os constrangimentos existenciais que o homem experimenta não o fazem insensível ao apelo sobrenatural.

Também Gaspar Frutuoso constrói uma conceção do homem pelas tensões constantes que marcam a condição da vida mundana. Ao mesmo tempo que se revela o abismo do pecado, numa criação já concluída e intrinsecamente boa, prepara-se a especulação sobre o sentido e o significado da história. A mudança para um estado de natureza diferente aparece como perda de uma prerrogativa anterior, que se conserva a esperança de poder vir a recuperar e que permite suportar as constantes vicissitudes a que o homem está sujeito. Desenvolve-se uma conceção do homem, em que a sua grandeza e os seus limites estão intimamente associados. Por outras palavras, constrói-se uma articulação entre o originário e o histórico a partir das ligações que o primeiro livro do Pentateuco estabeleceu na relação do homem com Deus, entre a culpa e a salvação, entre o castigo e a promessa.

Paul Ricoeur, num estudo efetuado sobre o significado do «pecado original» no livro do *Génesis*<sup>28</sup>, chama particularmente a atenção para a importância que reveste a associação entre a grandeza e a culpabilidade do homem para interpretar os estados de inocência e de pecado. Estes não podem ser dissociados em dois momentos que se sucedem, mas constituem antes dois aspetos que coexistem e marcam o carácter contingente da bondade primitiva do homem, assinalado pela única interdição que pertence à ordem da harmonia primitiva: não comer o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal. Desta feita, o estado de inocência não é o de uma perfeição absoluta, já que, como expõe Ricoeur, Deus criou o homem livre, mas com uma liberdade finita, isto é, orientada por uma ordem explícita de preferências e de valores, que o

---

<sup>28</sup> Cf. Paul Ricoeur, *Finitude et culpabilité-II*, c. III, 1 e 2, pp. 218-236.

vincula mesmo na errância. O Bem define a natureza do homem, criado à imagem de Deus, em que «o pecado não é a nossa realidade originária, não constitui o nosso estatuto ontológico primeiro»<sup>29</sup>. A perda do estado de inocência liga-se à não-aceitação dos limites da própria liberdade, mas não opera um corte com a ordem originária que foi estabelecida. A criação do homem institui simultaneamente a sua grandeza e os seus limites, pelo que a queda, em virtude da «desobediência», não altera a sua vocação, que continua presa aos apelos da origem. O pecado, que passa a integrar a definição do ser homem, não anula a sua natureza de ser criado no seio de um universo terminado e bom.

Este aspeto central do *Génesis* assinala o confronto do destino escatológico do homem, orientado pelo conhecimento da lei eterna que a liberdade contingente pôde pôr em causa, escolhendo, em virtude do seu carácter imperfeito, uma via à margem dos preceitos divinos. A interdição de comer o fruto proibido é a afirmação duma ordem moral, que prolonga a criação ao longo da história, e o reconhecimento de que não cabe ao homem legislar sobre a distinção entre o bem e o mal. A determinação destas duas ordens de valores, que deverão balizar todo o agir, constitui uma faculdade especificamente divina. Simultaneamente, o vínculo de dependência ontológica, que a ideia de criação estabelece, recebe um novo impulso. Ele prolonga-se através da história, como uma exigência de eticidade, à medida dos desígnios eternos. A prática do bem exige um esforço de coincidência da liberdade humana com os planos eternos, que são assumidos quando o homem se reconhece na linha da ação criadora de Deus. Mas, simultaneamente, as hesitações que o arbítrio de uma liberdade vacilante consente acabam por atraiçoar a fidelidade que o homem deve à sua vocação, dando lugar à errância e a uma forma de vida que não deixa revelar um conflito entre os seus próprios desvios e os valores intemporais que o deveriam inspirar.

## 5. A ideia de homem

O desconcerto do mundo tem origem na desarticulação das potências da alma, isto é, na incapacidade de dominar o acervo de informações

---

<sup>29</sup> *Ibidem*, p. 235.

registado na memória e de subordinar os impulsos, que nascem da vontade, ao critério da luz esclarecida da razão. Fazendo eco do que uma psicologia do ato voluntário geralmente propõe<sup>30</sup>, Frutuoso lastima a forma precipitada e irrefletida como o comum das pessoas reage ao que vê e ouve, sem a ponderação crítica que evite laborar em enganos e proferir falsidades sobre os mais diversos acontecimentos e pessoas, assim como tomar iniciativas ao sabor das primeiras impressões. Sublinha assim a importância de submeter ao discernimento da inteligência todas as informações que se recebe dos sentidos que, por transmitirem muitas vezes uma leitura distorcida da realidade, são fonte de erros que carecem de exame.

Porque as pessoas, em geral, não querem reconhecer-se neste modelo, que Frutuoso apresenta como «espelho da vida humana»<sup>31</sup>, seguem por uma via, sem peso nem medida, ao sabor dos apetites, em que ninguém «quer o que deve querer, e cada um quer o que quer»<sup>32</sup>, sem cuidar da verdade. Mas esta dissonância não radica na demissão da Verdade, por ela se tornar distante e inacessível, legitimando assim uma posição conotada com o relativismo cético. A Verdade sempre ostenta em vestido branco os seus sinais em claras letras e só a deliberada rejeição do homem faz inverter a verdadeira ordem dos valores. Tal como os prisioneiros de Platão, por terem os olhos habituados à visão das sombras, não conseguem fixar os objetos à luz do dia e preferem tomar a aparência pela realidade, assim também, a rejeição da verdade constitui um ato deliberado da vontade humana que, desviada pelo pecado, se torna cega. Isso mesmo é reconhecido pela Fama, quando diz à Verdade «que desse vosso claro espelho lhe vem nascer esta cegueira, que, mal pecado, já o Mundo as cousas claras o cegam e as cegas lhe dão claridade, porque amaram mais os homens as trevas obscuras e feias do que a luz fermosa e clara»<sup>33</sup>.

Ao mesmo tempo que se sublinha a importância da liberdade humana para compreender a razão da inautenticidade da vida, mantém-se firme

---

<sup>30</sup> Cf. Gaspar Frutuoso, *Livro Primeiro das Saudades da Terra*, p. 55.

<sup>31</sup> *Ibidem*, p. 54.

<sup>32</sup> *Ibidem*, p. 56.

<sup>33</sup> *Ibidem*.

a preeminência da Verdade para inspirar as decisões que os homens terão de tomar, como recorda a Fama, dirigindo-se à Verdade num estilo reconfortante: «assim como já em dourada idade fostes estimada, com o andar do tempo podereis vir a ser conhecida e posta no alto lugar que merece o vosso nome»<sup>34</sup>. A deserção da Verdade não conduz o autor a um sentimento de ceticismo, corrente na época: o desânimo e a tristeza que a devastam ao ver-se «desestimada» por toda a gente não a deixam sucumbir. Pelo contrário, apesar do desalento, acaba por falar mais alto a esperança de um dia vir a ser novamente reconhecida. Por isso, afirma-se «conservadora da companhia humana e dos contratos dela, a qual, sem mim, presto desfalece e se desfaz de todo»<sup>35</sup>. A verdade apresenta-se como sendo «objeto e perfeição da razão humana», como Frutuoso acrescentou na margem do manuscrito, quando a Verdade se revela como sendo «um igual fiel da coisa e do entendimento dela e uma virtude pela qual o ser das coisas é mostrado»<sup>36</sup>. Ela assume assim um carácter paradigmático que o episódio da *história dos álamos* de algum modo simboliza, quando em sonho a Verdade decifra as «regras, que se podiam bem ler, ainda que eram letras de muito tempo escritas»<sup>37</sup>, e reconhece que elas se articulam entre si e se referem a um tempo já passado, ou seja, a « cousas de verdade; que mal pecado, já ela não anda no mundo senão sonhada»<sup>38</sup>.

\*

A autorrealização humana manifesta-se como afirmação livre de uma ordem axiológica que se não impõe nos termos do determinismo natural. Só pela liberdade o homem torna transparente o querer e assume a plena responsabilidade do agir. Os compromissos que resultam da sua inserção social, assim como da salvaguarda da sua dignidade pessoal e

---

<sup>34</sup> *Ibidem*, p. 58.

<sup>35</sup> *Ibidem*, p. 31.

<sup>36</sup> *Ibidem*.

<sup>37</sup> *Ibidem*, p. 19.

<sup>38</sup> *Ibidem*, p. 21.

da sua vocação não o reduzem a uma dimensão meramente temporal, nem a um determinismo de sequências naturais, mas fazem apelo a um eixo de coordenadas orientado na direção do bem, que o homem não tem poder para alterar.

A ligação à esfera incondicional da transcendência não pretende, no entanto, sustentar uma compreensão da história apoiada exclusivamente por envolventes de natureza intemporal, mutilando a vida humana da sua componente intramundana. Pelo contrário, representa a adoção de uma atitude filosófica fundamentalmente empenhada em situar a experiência concreta do mundo, com as suas vicissitudes existenciais, perante uma dimensão portadora de um sentido que se não deixa vislumbrar nos limites do devir temporal. Certamente que os factos históricos serão também interpretados a partir das virtuosidades que a adoção de um quadro teórico e metodológico pode assegurar, a fim de podermos compreender os laços que envolvem a intervenção do homem na sua realização social, económica, política, religiosa, mas também científica e artística. Em todos estes níveis, a ação humana é apreciada a partir de variáveis que a ciência histórica procura equacionar e elaborar, mas que são sempre suscetíveis de ser enquadradas por outras que possibilitem interpretações doutro teor. O dinamismo que envolve necessariamente qualquer pesquisa científica não esgota as potencialidades do espírito, que segue pelo trilho da descoberta da verdade.

Com este texto introdutório à sua obra, Gaspar Frutuoso parece querer exprimir a convicção de que a história se não pode justificar apenas pela análise da sucessão de acontecimentos e padrões de conduta que, em cada época e contexto social, modelam as opções dos homens. Enquanto se circunscreve aos contornos espaço-temporais, a dimensão histórica do homem é sempre parcial e limitada, e reclama por isso uma abertura de espírito que situe o âmbito em que o agir humano ganha expressão face a um universo incondicional de sentido. O homem assume-se como liberdade, subtraindo-se aos constrangimentos impostos pelo quotidiano e intervindo nos acontecimentos a partir de uma ordem de valores que dirige e constitui o sentido da sua liberdade. Desta forma, a historicidade coloca-o constantemente perante o apelo de um horizonte de autenticidade que, embora só se explicita através da

mediação dos acontecimentos que fazem a história, permite considerar cada momento pela transparência de um sentido incondicional que o transcende.

Frutuoso apresenta-nos, assim, uma ideia de história que se recusa circunscrever às fronteiras dos diferentes acontecimentos particulares concretos, mas que se assume antes como procura do sentido da sua dimensão universal. Trata-se duma reflexão que visa compreender o homem para além de uma realização meramente imanente, mas pela valorização dos traços da sua natureza pessoal, da espiritualidade e da liberdade, centros de transcendência e de decisão que conferem à vida humana uma dinâmica intemporal.



## 2

### O TEMA DA SAUDADE EM GASPAR FRUTUOSO

Gaspar Frutuoso, ao atribuir ao conjunto da sua obra de cronista das ilhas atlânticas o título «Saudades da Terra», não deixa de nos suscitar a interrogação sobre as razões que poderiam justificar semelhante opção, principalmente se atendermos a que a redação da obra só teve lugar a partir dos anos oitenta do século XVI, ou seja, em pleno exercício das funções de vigário e pregador da Matriz da Ribeira Grande, cargo que desempenhou desde o seu regresso a São Miguel, em 1558, até ao seu falecimento, em 1591. Esta circunstância torna destituída de sentido uma resposta que nos remeta para a nostalgia provocada pela distância da terra natal, sentimento que o autor certamente teria experimentado nos períodos em que esteve ausente em Salamanca e em várias cidades de Portugal. Semelhante explicação teria, por outro lado ainda, pouco sentido, se considerarmos a abrangência da obra que, não obstante submeter a um tratamento muito circunstanciado a ilha de São Miguel, inclui também a descrição das restantes ilhas dos Açores, assim como dos arquipélagos da Madeira e Canárias, para além de discutir problemas históricos relacionados com o descobrimento de Cabo Verde, Antilhas e Molucas.

Parecendo-nos improcedente o recurso a motivações psicológicas para esclarecer o assunto, propomos seguir outra linha exploratória, no seguimento de estudos anteriores, como os de José de Almeida Pavão, que já tinham chamado a atenção para influências que a obra de Frutuoso, designadamente a sua vertente novelística e literária, teria recebido de Bernardim Ribeiro, o poeta das saudades, «que lhe criou o figurino, presente no estilo com que Frutuoso inicia o Livro I das *Saudades* e

orienta certos passos da *História dos Dois Amigos*, contida no Livro V, muito embora o travejamento da novela obedeça a moldes muito diversos»<sup>1</sup>. O nosso propósito, por conseguinte, situa-se nesta linha de preocupações, ao visar compreender a obra do autor quinhentista no contexto cultural do seu tempo, de modo particular, chamar a atenção para os elementos suscetíveis de a integrar na linha da Filosofia da Saudade, que vários estudos têm procurado apresentar como chancela dum pensamento tipicamente português. Deste modo, começaremos por apresentar a valorização que o tema da saudade recebeu do movimento «Renascença Portuguesa» e a abordagem filosófica que a obra do rei D. Duarte lhe conferiu. De seguida, apresentaremos a forma como o tema da saudade é tratado na obra de Frutuoso para, por fim, apontarmos a ligação que poderemos descortinar entre a conceção da saudade em Frutuoso e a que foi equacionada pelo autor do *Leal Conselheiro*.

### 1. A «saudade» como tema da Filosofia e da Cultura Portuguesas

O tema da saudade, no dizer de António Braz Teixeira, conheceu nos anos cinquenta do século passado um «surto especulativo» de teor fenomenológico, metafísico e ontológico, que, em Portugal, foi promovido por, entre outros, Joaquim de Carvalho, Sílvio Lima, Cabral de Moncada e Delfim Santos, mas também por Afonso Botelho e António Dias de Magalhães<sup>2</sup>. Deve-se a este novo «ciclo» de estudos uma ação depuradora do ambiente de querelas e desencontros suscitado, em parte, pelas críticas de António Sérgio e António Sardinha, que abalaram a credibilidade da reflexão filosófica sobre a saudade, iniciada, há precisamente cem anos, por Teixeira de Pascoaes e Leonardo Coimbra, no âmbito do movimento «Renascença Portuguesa» e no seu órgão de doutrinação e difusão, a revista *A Águia*<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> José de Almeida Pavão, «A poesia e a novela de Frutuoso», p. XXVII.

<sup>2</sup> Cf. António Braz Teixeira, «Metafísica da Saudade de António Dias de Magalhães», pp. 589-590.

<sup>3</sup> O primeiro número da revista *A Águia* surgiu no Porto, a 1 de Dezembro de 1910, com o intuito de conferir um rumo cultural mais português à jovem República positivista. A revista conheceu cinco séries, que se sucederam até Junho de 1932. A 1.ª série, que terminou em Julho de 1911, publicou dez

Para Pascoaes, a saudade apresenta-se como sendo a expressão específica do espírito português, e foram os poetas quem melhor percebeu e deu expressão à sua natureza, procurando delinear os seus contornos, em matizes de tons variados<sup>4</sup>. Desde o cancionero aos

---

números de teor predominantemente literário, mas também deu cobertura a temas sociais e filosóficos, que tiveram assinatura de Sampaio Bruno, Leonardo Coimbra e Raul Proença (cf. José Gama, «A especificidade temática da 1.<sup>a</sup> e da 2.<sup>a</sup> série de *A Águia*», pp. 80-86). Mas é a 2.<sup>a</sup> série, publicada entre Janeiro de 1912 e Outubro de 1921, que se assume como órgão oficial e propriedade da «Renascença Portuguesa». O seu primeiro diretor, Teixeira de Pascoaes, imprime à revista uma orientação lusitanista, apostada em recuperar o que há de mais genuíno na cultura portuguesa, que é o «sentimento saudoso das Coisas, da Vida e de Deus, que anima de original e mística beleza a nossa Arte, Poesia, Literatura e Cristianismo» (Teixeira de Pascoaes, *Arte de Ser Português*, p. 62). Esta linha de orientação prevaleceu à do grupo de Lisboa, liderado por Raul Proença, que se propunha conferir ao movimento, inspirado pelos princípios da Geração de 70, uma maior abertura ao mundo moderno e às influências estrangeiras, designadamente, às novas concepções de progresso que o desenvolvimento das ciências propiciava (cf. Maria Celeste Natário, «No centenário da República, o centenário d'*A Águia*», pp. 135-136). Deveremos, no entanto, lembrar o carácter plural do movimento que, como salienta Braz Teixeira, «acolheu em si muito diversas opções filosóficas, políticas, estéticas, pedagógicas e historiográficas» (António Braz Teixeira, «A “Renascença Portuguesa”, movimento plural», p. 194), como testemunha a diversidade de colaboradores que nele se envolveram e por ele foram acolhidos, assim como a atenção que foi dispensada a muitos dos problemas que então atingiam a sociedade portuguesa.

<sup>4</sup> Segundo Teixeira de Pascoaes, a «alma lusíada» formou-se na confluência de «dois ramos étnicos distintos, diferenciados por estigmas de natureza física e moral» (*Arte de Ser Português*, p. 56), a saber: o ramo ariano, dos gregos, romanos, celtas e outros, que trouxe o pendor naturalista da nossa personalidade; o ramo semita, que modelou a nossa vertente espiritual, na qual se fundam os nossos sentimentos e atitudes perante a natureza (cf. *ibidem*, pp. 57 e 74). As qualidades herdadas desses dois povos combinaram-se de forma harmoniosa, numa personalidade coletiva, em que as dimensões naturalista e espiritualista se equilibram no *sentimento saudoso*. A saudade aparece assim, aos olhos de Pascoaes, como a forma peculiar de não ficarmos prisioneiros dos limites da lógica esquemática do

românticos, designadamente o poema *Camões* de Garrett, obra que se convencionou colocar no início do romantismo em Portugal e que se inicia com a evocação da saudade, até muitos outros que se seguiram depois, com destaque para António Nobre e Florbela Espanca, em que encontramos a tristeza, o desalento e a saudade como motivos inspiradores da correspondente produção poética. Na apreciação de Álvaro Ribeiro, a subtileza do lirismo literário tem a virtuosidade de conferir intencionalidade rememorativa às vivências que fustigam as consciências sofredoras, emprestando-lhes «uma dimensão de reminiscência que transcende e valoriza a ingenuidade sentimental»<sup>5</sup>. Assume, assim, o notável pensador portuense, o valor da poesia como forma de conhecimento, em que, por meio da manipulação da linguagem, se perscrutam regiões desconhecidas do eu, do mundo, da história.

Carolina Michaëlis de Vasconcelos, na desconstrução a que submeteu a ideia que a saudade seria um sentimento específico dos portugueses e desconhecido doutros povos, que nem dispunham de vocábulo que lhe fosse equivalente, evoca os lamentos de amor e de ausência presentes no alvorecer da poesia portuguesa, tomando como exemplo mais remoto a singela balada de D. Sancho I, que canta o desalento daquela coitada que, deplora ela, vive «em gram cuidado/ por meu amigo que hei alongado!» e que também se lastima por viver «em gram desejo/ por meu amigo que tarda, e nom vejo!», fazendo sobressair, na sua leitura, as duas componentes principais do sentimento da saudade: o *cuidado* e o *desejo*<sup>6</sup>. E recorda ainda como a saudade e o morrer de amor marcaram presença na literatura portuguesa, nomeadamente, «o meigo Livro de Bernardim Ribeiro e os livros que estilisticamente derivam dele, como a *Consolação de Israel*, de Samuel Usque, e as *Saudades da Terra* de

---

homem de ciência e de, ao mesmo tempo, nos não deixar arrastar pelas fantasias imponderáveis da nossa alma de poetas, o que nos tornaria «tão longe da realidade, como aquele sábio da verdade, que é a realidade viva ou projetada em outra esfera» (Teixeira de Pascoaes, *O Homem Universal*, c. 11, p. 174).

<sup>5</sup> Álvaro Ribeiro, *Uma Coisa que Pensa*, p. 246.

<sup>6</sup> Cf. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *A Saudade Portuguesa*, p. 33.

Gaspar Frutuoso»<sup>7</sup>, a que acrescenta as *Rimas* de Camões e algumas personagens de Garrett, como a Joanhinha das *Viagens na Minha Terra* e as que dão corpo ao drama teatral de *Frei Luís de Sousa*. Porém, é fundamentalmente a D. Duarte e mais tarde a D. Francisco Manuel de Melo que se atribuem as mais remotas iniciativas de abordagem da saudade como objeto da reflexão filosófica.

D. Duarte (1391-1438) adverte para a necessidade de nos não deixarmos iludir pelo uso indiferenciado de alguns vocábulos que a linguagem corrente toma como sendo equivalentes. É assim que os sentimentos que ocorrem na sequência de contrariedades e que dão pelo nome de nojo, tristeza, pesar, desprazer, aborrecimento, embora algumas vezes possam acompanhar o sentimento saudoso de alguém, não têm necessariamente uma relação direta com este estado de alma, pelo que não partilham o mesmo campo semântico. Acontece mesmo, em certos casos, o contrário, quando a lembrança de algumas coisas agradáveis provoca nas pessoas sentimentos de prazer e não de tristeza. Embora a saudade possa aparecer ligada à tristeza que a contrariedade na satisfação de certos desejos ou a sua simples lembrança provocam, ou possa mesmo parecer associada ao prazer que acompanha a lembrança da concretização dum desejo, ela surge desligada deles, não sendo aceitável pensar-se a saudade como resultante desses sentimentos. A tristeza ou o prazer que acompanham a saudade ligam-se antes ao desejo que, na análise penetrante que Afonso Botelho nos deixou desta problemática em D. Duarte, está «todo ele voltado para o futuro, para o possível»<sup>8</sup>, ou seja, demasiadamente suspenso da satisfação de necessidades que lembranças passadas mostram por realizar. Pelo contrário, a saudade «remete para o passado ou para o distante». Assim acontece com os sentimentos de tristeza ou pesar que as pessoas experimentam com relação àqueles que são obrigados a ausências longas, no cumprimento de missões longe da pátria. Elas poderão mesmo «chorar e suspirar como se fosse de nojo», no entanto, ninguém dirá que sentem nojo ou pesar por tal ausência ou partida, o que aconteceria se eles não tivessem

---

<sup>7</sup> Cf. *ibidem*.

<sup>8</sup> Afonso Botelho, «D. Duarte e a fenomenologia da saudade», p. 691.

partido, eximindo-se assim ao cumprimento da incumbência que receberam. O sentimento, neste caso, será de saudade, que D. Duarte diz ser «sentido (sentimento) que o coração filha por se achar partido da presença de alguma pessoa, ou pessoas, que muito por afeição ama, ou espera cedo de ser. E isso medês (mesmo) dos tempos e lugares em que por deleição muito folgou»<sup>9</sup>.

Duas notas sobressaem no texto: a primeira é que a saudade está ligada à relação afetiva entre pessoas e à lembrança de tempos e lugares a que as pessoas têm afeição; a segunda liga a saudade a um sentimento do coração que se não deixa facilmente dominar pelos argumentos da razão<sup>10</sup>. Interpretando esta passagem do *Leal Conselheiro* a que aludimos, Afonso Botelho chega à ideia de que a «saudade é, antes de tudo, solidão, apartamento de pessoas, de seres livres que se prenderam»<sup>11</sup>, para concluir que o que define a essência da saudade não é a intensidade do desejo ou da tristeza dos nossos estados pessoais, mas a solidão que se sente ao afastar-se do ser amado e de tudo o que lembramos com afeto, como o tempo, os espaços e outras vivências a que nos sentimos indelevelmente ligados pelos vínculos da lembrança a que permanecemos leais.

## 2. A «saudade» das *Saudades da Terra*

O tema da “saudade” que nos propomos estudar em Gaspar Frutuoso integra o título não só da sua obra de historiador dos arquipélagos atlânticos, *Saudades da Terra*, mas dá também nome a outra obra sua, *Saudades do Céu*, que só foi editada em 2011. Interessamo-nos particularmente destacar, nas *Saudades da Terra*, não os aspetos

<sup>9</sup> D. Duarte, *Leal Conselheiro*, p. 41.

<sup>10</sup> António Braz Teixeira salienta a originalidade de D. Duarte em «esboçar uma teorização do que designou por “saber do coração” e das profundas e complementares relações entre um conceito de razão atenta ao outro de si e aos diversos modos de experimentar a vida e o mundo, do plano afetivo ao intelectual e ao domínio prático da vida moral e religiosa», denotando uma clara compreensão «dos elementos definidores do sentimento saudoso» (António Braz Teixeira, «Do “saber do coração” à razão atlântica», p. 62).

<sup>11</sup> Afonso Botelho, «D. Duarte e a fenomenologia da saudade», p. 692.

referentes às realidades insulares, que descreve na perspetiva do seu descobrimento, povoamento e da linhagem das principais famílias, nem tão pouco as muitas informações que registam a geografia das ilhas, a organização social, as atividades económicas e os eventos diversos ligados ao vulcanismo e ocorrências sísmicas. Muito pelo contrário, a nossa atenção incidirá no carácter alegórico que a obra contempla e a que as *Saudades do Céu* dão continuidade.

Nos primeiros oito capítulos do *Livro Primeiro das Saudades da Terra*, Frutuoso elabora um longo e amadurecido discurso alegórico centrado em duas personagens, a Verdade e a Fama, que se encontram em ambiente bucólico de densos arvoredos e correntes de águas cristalinas, conforme o modelo inspirador da *Menina e Moça* de Bernardim Ribeiro, a que não faltam tristes lamentações da Verdade pelo abandono em que vive. Neste cenário, em que se encontra refugiada do convívio dos homens que a não estimam, dispõe-se a contar a história das ilhas e a dos dois amigos que figuram como protagonistas do *Livro Quinto das Saudades da Terra*, o qual, em contraste com os restantes livros, reveste o andamento de uma movimentada novela de cavalaria. Se, no começo deste núcleo inicial do *Livro Primeiro*, a Verdade empreende um longo monólogo de autoapresentação, no seu seguimento, entra em diálogo com a Fama sobre vários temas de teor doutrinal. Nos capítulos subsequentes do livro e também nos restantes livros, a Verdade perde centralidade e, embora Frutuoso delegue nela a condução da narrativa historiográfica da sua obra, deixa de centrar a atenção dos leitores nos diálogos e digressões da sua personagem, deslocando-a decisivamente para a realidade do mundo narrado. O desenrolar da obra torna a Verdade pouco visível, sem interferir, por isso, na exposição, de que se mantém distanciada. A Verdade volta a assumir a condução do discurso nas *Saudades do Céu*, um livro integralmente alegórico, em que a Verdade se dirige à Fama, num longo monólogo intensamente especulativo, repleto de considerações de ordem filosófica sobre o que é a verdade, como a conhecemos e nos afastamos dela, e também de ordem moral, com o fim de trazer à sociedade uma forma regenerada de vida. Como observa o Professor José Enes, na introdução que escreveu para a edição daquela obra, nos dois textos em que a Verdade assume a urdidura da

intriga, o autor visa transmitir uma mensagem sapiencial que projeta as ações humanas num quadro ideal em que se deve entender o acontecer histórico. Por outras palavras, preocupa-se em pensar a ação humana no que ela deve ser ou no que é possível e desejável que ela seja.

O discurso alegórico dos primeiros oito capítulos do *Livro Primeiro das Saudades da Terra* reveste uma singularidade que, como bem notou Rosa Goulart, não faz prever o género discursivo que marca o andamento dos restantes capítulos que constituem os volumes da obra dedicados à história das ilhas. Os primeiros diálogos entre a Verdade e a Fama, em que a comunicação das personagens em presença não esconde o excesso de subjetividade e de carga emotiva, assim como as conceções que dão sustentação às suas digressões moralizantes, têm lugar numa atmosfera de oralidade que «perderá, com efeito, alguma funcionalidade à medida que a crónica, como género historiográfico, se for aproximando das suas características mais próprias e mais comumente reconhecidas»<sup>12</sup>. Estes primeiros capítulos apresentam-se desligados da obra historiográfica de Frutuoso, sustenta a autora, e os recursos enunciativos utilizados acabam por não se mostrarem relevantes na condução da narrativa do cronista, que assim perde a espessura literária que eles prometiam. Mais preocupado em discernir a veracidade dos dados que apresenta, as narrativas e descrições de Frutuoso «não primam pelo artefacto artístico»<sup>13</sup>, o que as coloca fora do género literário que os primeiros capítulos poderiam ter a pretensão de estreitar. Além disso, o autor labora numa permanente indefinição entre a opção pela expressão oral e a escrita, ou seja, o discurso inicial em que a Verdade desabafa as suas memórias, num choroso e triste desencantamento, perde, no decurso da obra em que a Verdade se apresenta como narradora, o filtro que a sua subjetividade nostálgica utilizava na conversação. O discurso produzido pela Verdade, já desprovido das informalidades que a oralidade consente, faz valer apenas as credenciais do historiador, procurando atrair a atenção do leitor, não para enunciados impressionistas, como os que a sua personagem proferiu antes, mas para os mundos que se

---

<sup>12</sup> Rosa Maria Goulart, «Processos enunciativos em *Saudades da Terra*», p. 47.

<sup>13</sup> *Ibidem*, p. 53.

propõe narrar ou descrever, num «longo relato quase sempre assético, sem interferências pessoais ou afetivas»<sup>14</sup>.

*Saudades da Terra* põe a correr em paralelo dois tipos de discurso sem nunca os fazer convergir, o que, do ponto de vista da enunciação, avança a autora, coloca irremediavelmente a obra à margem dos cânones literários, pelo menos daqueles que são hoje reconhecidos. A obra, aliás, evolui claramente para uma modalidade enunciativa ao serviço do cronista, onde os recursos estilísticos e a exploração de virtuosidades lexicais cedem o lugar a um tipo de descrição de teor predominantemente referencial, ou seja, a apresentação dos acontecimentos e a descrição dos espaços e estados de alma que neles se misturam evoluem subordinadas a um rigor informativo pouco sensível à expressão estético-literária. Esta «disforia do discurso»<sup>15</sup> frutuosiano, que Rosa Goulart pôs em evidência, leva-nos a perguntar pela função destes capítulos iniciais do *Livro Primeiro* no conspecto da obra de Frutuoso. Se a sua função literária parece carecer de relevância porque o seu formato enunciativo se não integra no discurso historiográfico do restante da obra, não poderemos concluir que este défice funcional, que compromete a homogeneidade literária das *Saudades da Terra*, torne os capítulos iniciais desprovidos de intencionalidade. Esta, com efeito, julgamos podê-la descortinar nas penetrantes questões que eles debatem, em que o autor, certamente com o propósito de exhibir as credenciais que poderão acreditar a sua obra, torna explícito os pressupostos metodológicos e as bases epistemológicas, éticas e metafísicas que a irão nortear. Com este discurso de feição introdutória, o autor deixa claramente entender que a sua obra se não circunscreve a um mero repositório dos acontecimentos que presenciou ou que recolheu de testemunhos, como se fosse uma coletânea de factos e descrições, mas é antes uma construção criteriosa, conduzida por exigências de racionalidade, como se depreende da insistente preocupação que manifesta em identificar uma conceção de homem e a sua posição na história segundo critérios de verdade, de

---

<sup>14</sup> Ángel Marcos de Dios, «A formação universitária de Gaspar Frutuoso», p. 431.

<sup>15</sup> Rosa Maria Goulart, «Processos enunciativos em *Saudades da Terra*», p. 45.

justiça, de liberdade e de bem, e em mobilizar uma série de requisitos de índole epistemológica e axiológica para que o conhecimento e as ações humanas, tanto ao nível da narrativa histórica como da condução moral, não fiquem reféns do imediatismo das primeiras impressões e impulsos. O conhecimento histórico reclama um aturado discernimento dos factos que, não sendo muitas vezes o que aparentam ser, deverão ser submetidos ao crivo depurador da razão. Por este motivo, vemos Gaspar Frutuoso preconizar o exercício duma atitude crítica que, sob a ponderação do entendimento, impeça que se tome a aparência pela verdade. Para que as potências da alma se não desarticulem e a ação humana se não desvirtue, haverá que seguir o conselho dos filósofos que defendem que

pera usar bem dos cinco sentidos, principalmente do ver, ouvir, falar e obrar, é necessário ir o entendimento escudeirando, como escudeiro diante da vista, do ouvido, da fala e da obra, pera saber ver o que vê, ouvir o que ouve, falar o que diz, acertar o que faz; porque, ficando atrás o entendimento, fica nossa vista cega, às escuras, sem tocha, vendo o que não vê, e nosso ouvido surdo, ouvindo o que não ouve, e nossa voz falsa e enganosa, falando o que não é, e nossa obra errada, obrando o que primeiro não entende<sup>16</sup>.

Mas o discurso alegórico de Frutuoso reveste ainda uma dimensão fundacional que o remete para o ambiente que a temática da saudade debate. Todo o travejamento que sustenta a alegoria das *Saudades da Terra* cria uma ambivalência permanente entre dois tipos de vida: um em que a Verdade viveu por escassos momentos – «seis horas me dizem alguns, e outros uma só»<sup>17</sup> –, gozando riqueza e alegria em casa de seu pai que habitava «em altos e sumptuosos palácios, senhor de muitas riquezas, pajens e donzelas, sendo de cousas altas e baixas bem servido, sem temor nem sobressalto de perder alguma delas»<sup>18</sup>; o outro em que foi

---

<sup>16</sup> Gaspar Frutuoso, *Livro Primeiro das Saudades da Terra*, p. 55.

<sup>17</sup> *Ibidem*, p. 3.

<sup>18</sup> *Ibidem*, p. 3.

desterrada, quando era ainda muito pequena, e onde vive desamparada, triste e enjeitada, conforme a narração que faz, nos seguintes termos:

De altos montes e de alto lugar caí em baixos vales, de alegrias grandes vim em dar em dores tristes e de segura vida comecei a ver morte incerta; vivendo, pois, pera ver tristezas tais e mágoas tantas, não é muito que só com minhas saudades de tanto bem perdido acabe ou comece a viver sem acabar, morrendo sempre por que esteja de contínuo em roda viva a minha morte e em roda mortal esteja voltando sempre à mortal vida<sup>19</sup>.

O contraste entre os dois mundos faz crescer a tristeza que nasce das «saudades de tanto bem perdido», segundo o esquema que D. Duarte apresentou no *Leal Conselheiro* ao considerar que a lembrança dos tempos de felicidade faz entristecer o coração com a saudade de uma «dourada idade»<sup>20</sup> já perdida, em troco de uma vida de muitas mortes feita.

Desenha-se, desta forma, o sentido mais profundo da saudade em Frutuoso, em que, logo desde o começo, a Verdade discorre sobre a degradação da vida humana, comparando-a com o que havia sido nas suas origens em que, segundo diz, «meu Pai de ouro de altos quilates se vestia», tendo ao seu serviço «vasos de ouro acendrado e puro», adornados com muita «pedraria fina». O estilo de vida *in illo tempore* nada tinha a ver com o que na altura se vivia, o qual justifica a lamentação que a Verdade deixa registada, ao dizer à Fama: «como descí doutra terra mui alta a esta baixa, logo fiquei estranhada e estrangeira em terra alheia»<sup>21</sup>, sem entender o que as pessoas dizem, nem ser por elas escutada, pois «quase de ninguém sou vista, nem ouvida, nem querida», afirma logo de seguida. A radicalização do discurso acentua-se quando a Verdade confessa que a vida entre as pessoas se tornou insuportável, pois

---

<sup>19</sup> *Ibidem*, p. 4.

<sup>20</sup> *Ibidem*, p. 58.

<sup>21</sup> *Ibidem*, p. 5.

não havia pessoa que com direitos olhos me olhasse; nenhum me via, nem ouvia, que não me perseguisse e, se alguém me tinha afeição, não ma mostrava; quase de todos desestimada, de muitos nem vista nem querida, vivi eu alguns anos antre as gentes, onde vi tantas coisas de tristezas tão crescidas, que me faziam sentir menos as muito maiores que eu passava; e, vendo assi as alheias compassar as minhas, aprendi também a ser sempre sem ventura, que, se alguma agora me viesse, já me não faria leda. Desejaria eu acabar, por ver se acabariam comigo minhas mágoas, mas não lhe vendo cabo, me vinham elas mais a pares<sup>22</sup>.

A situação atual é de infortúnio permanente, como se, no seu caso, a roda da Fortuna, em vez de redonda, se tivesse tornado quadrada e, deixando de rodar para que melhores dias viessem, se imobilizasse impiedosamente. Por isso se lastima, dirigindo-se à Fama: «meus males nunca foram pera bens, mas sempre fizeram firme e imóvel assento no que sempre foram e dantes eram, donde vejo eu que só herdei grande e firme estado»<sup>23</sup>. Esta representação da Fortuna como uma roda a girar incessantemente encontra-se em Boécio (480-524), no começo do livro II do *De Consolatione Philosophiae*. Nesta obra, que conheceu ampla difusão e exerceu profunda influência na cultura ocidental, o autor, em resposta às lamentações pela injustiça que a condenação à morte o tinha sujeitado, escuta o argumento da Fortuna que mostra a falta de sentido das suas reclamações. Porque todos nascem completamente desprovidos de recursos, é por concessão da Fortuna que logram possuir a abundância de riquezas, o esplendor de honrarias e a força de poderes, que, por direito próprio, lhes não pertencem. Assim, tudo quanto anteriormente o autor possuía: bens, dignidades e poderes, não seria pertença sua nem de nenhum mortal, mas da Fortuna, que sempre tira o que dá, num movimento cíclico interminável, semelhante ao que faz a noite escura suceder ao dia luminoso, as intempéries devastadoras de Inverno virem depois das estações, em que a terra se cobre de flores e de

---

<sup>22</sup> *Ibidem*, p. 6.

<sup>23</sup> *Ibidem*, p. 7.

frutos, e a agitação tempestuosa das ondas alternarem com a placidez do mar. Este é um ciclo de imperturbável necessidade, em que a Fortuna, ao mesmo tempo que, diz ela, «faço girar a roda com o seu volúvel ciclo, divirto-me a passar para cima o que está em baixo e para baixo o que está em cima»<sup>24</sup>. Tudo o que subiu terá depois de descer, ou seja, todos os que acumularam riquezas hão de ver-se despojados dos bens que usaram sem lhes pertencerem inteiramente. Deste modo, qualquer reclamação por estas perdas carece de sentido, pois a Fortuna apenas faz aplicar as regras que a sua própria natureza dita.

Boécio segue a inspiração estoica dum destino providencial que tudo submete à necessidade, incluindo a própria vontade livre do homem, a qual se limita a dar cumprimento às leis inscritas na sua natureza, segundo um determinismo idêntico ao do movimento dos corpos, que tendem a subir ou a descer, consoante a sua natureza é leve ou pesada<sup>25</sup>. Combinando esta conceção com a visão cristã, Boécio compreende a necessidade a que tudo está sujeito a partir da clarividência da mente divina que, quando considerada em si mesma, se denomina Providência, mas, quando se refere às coisas existentes, recebe a denominação de Fado. Assim, enquanto a Providência se refere às coisas pensadas na mente divina, o Fado refere-se apenas àquelas «coisas que a divina simplicidade dispôs para serem realizadas»<sup>26</sup>.

A visão que Frutuoso transmite da providência de Deus não reveste a problematização especulativa dos estoicos e de Boécio, designadamente, a nível da articulação entre a presciência divina, a liberdade humana e a existência do mal, mas parece inscrever-se nesta atmosfera de pensamento em que a Providência, sob a forma de Fortuna e de Fado, tudo tem sob a sua alçada. Se bem que os «juízos de Deus» sejam para nós imperscrutáveis, tudo o que acontece na nossa vida é obra da Providência e «feito pera exemplo nosso», diz Frutuoso no *Livro Quinto das Saudades da Terra*, em que narra a história de dois amigos da Ilha de São Miguel. Somente a morte nos libertará do destino: «ninguém,

<sup>24</sup> Boécio, *Consolação da Filosofia*, p. 49.

<sup>25</sup> Cf. Jean-Joël Duhot, *La conception stoïcienne de la causalité*, pp. 264-265.

<sup>26</sup> Boécio, *Consolação da Filosofia*, p. 154.

enquanto vive, se pode chamar bem-afortunado, senão quando os casos da Fortuna nele não têm poder, que é depois da morte»<sup>27</sup>. Sobressai nesta passagem, como em toda a obra de Frutuoso, uma visão pessimista da história e da vida, sempre associada ao infortúnio. Não cabe neste mundo nenhum lugar para a alegria, mas antes para a tristeza e choro de copiosas lágrimas, como Frutuoso acentua no texto das *Saudades do Céu*, em que, depois de afirmar lapidarmente que «facilmente chora e despreza todo o visível o que cuida que há-de morrer», de imediato se atormenta perante a ameaça da condenação eterna pela carga que «a má vida passada» irá trazer à prestação final da conta que porá o Céu na iminência de perdê-lo e o Inferno «em risco de ir lá»<sup>28</sup>. Mesmo quando, por instantes, um sentimento de alegria nos invade, logo nos sobrevém a tristeza, «que é o fim e remate que têm todos os contentamentos desta vida triste»<sup>29</sup>: uma vida que é assim marcada pelo infortúnio que destina o herói da novela que constitui o *Livro Quinto das Saudades da Terra* a ser permanentemente mortificado pelo sofrimento e pela angústia, pois, porque «estava destinado pera passar muitas mortes não era razão, ou não permitia seu fado, que com só uma delas pusesse fim a tantas»<sup>30</sup>.

Também a Verdade padece do mesmo infortúnio e nem a morte a poderá valer para pôr termo aos seus desgostos:

por longos anos me vejo morta cada hora, sem alguma meus choros se esgotarem, nem faltarem, vim a cair na conta que uma só morte, que de mim fugia, não era poderosa pera matar tantas que cada dia viva me enterravam (...); e, pois, eu padecia tantas mortes, mal poderia uma só, que desejava, matar a multidão das muitas que eu sofria<sup>31</sup>.

---

<sup>27</sup> Gaspar Frutuoso, *Livro Quinto das Saudades da Terra*, p. 185.

<sup>28</sup> Gaspar Frutuoso, *Saudades do Céu*, p. 40.

<sup>29</sup> Gaspar Frutuoso, *Livro Quinto das Saudades da Terra*, p. 132.

<sup>30</sup> *Ibidem*, p. 13.

<sup>31</sup> Gaspar Frutuoso, *Livro Primeiro das Saudades da Terra*, pp. 6-7.

A tristeza em que vive permanentemente, com tanta «firmeza e grandeza», acrescenta, não terá fim e parece que deverá perdurar para além do termo do Universo, que há de acabar o seu curso, «mas as mágoas e saudades, que em mim vejo, não têm outro mais limitado fim que não ter termo»<sup>32</sup>. Daí que a única consolação que lhe resta seja, por paradoxal, não ter nenhuma!

A razão de uma tal tristeza é a saudade de outro tempo em que a Verdade era reconhecida nesta terra como sendo «objeto e perfeição da razão humana e lei de todas as artes»<sup>33</sup>, ao mesmo tempo que se afirmava como sendo, acrescenta no mesmo lugar, «mais forte que todas as coisas fortes» e, simultaneamente, «conservadora da companhia humana e dos contratos dela». Mas os vícios que se instalaram na vida social trouxeram profundas alterações, forçando a mudar o seu estilo de vida: «Ninguém quer o que deve querer, e cada um quer o que quer»<sup>34</sup>. Por isso, o que vai contar das ilhas é uma história de vida decadente, sem autenticidade, principalmente as ilhas de Santa Maria e de S. Miguel, a que Frutuoso dedica dois livros, em quatro volumes, das *Saudades da Terra*, como confessa de forma inconformada e repleta de desalento: «As novas que desejais saber destas duas pobres ilhas, em comparação do que foram, porque foram já mui ricas, não vos espanteis se as der chorando, pois pelos males e misérias, que presentes vejo, e pelas alegrias e riquezas passadas e saudades delas tantas, razão de chorar tenho»<sup>35</sup>. E, em tom enfático, exclama à sua interlocutora, a Fama, de forma interrogativa: «Quem não quereis, Senhora, que chore no Mundo a bondade e singeleza dos homens antigos, que nele foram, tão mal imitada e seguida dalguns presentes que agora vivem?»<sup>36</sup>, passando de seguida a caracterizar a situação social que se vivia, a qual era marcada pelo abuso do poder, pelo desleixo e presunção, onde «tudo é muito gastar e pouco ter, muito falar e pouco saber, muito presumir e pouco valer».

---

<sup>32</sup> *Ibidem*, p. 8.

<sup>33</sup> *Ibidem*, p. 31.

<sup>34</sup> *Ibidem*, p. 56.

<sup>35</sup> *Ibidem*, p. 58.

<sup>36</sup> *Ibidem*, p. 59.

### 3. Frutuoso e a «saudade»

Frutuoso parece extremamente crítico da sociedade e da administração das ilhas, denunciando a incúria e a demissão dos seus naturais que não fizeram jus ao esforço empreendedor que os seus antepassados puseram em desbravar a terra e torná-la produtiva. Em outro tempo, as pessoas valiam pelo que tinham, pela terra que possuíam,

agora já não valem pelo que têm, senão pelo que presumem, e não deixam de ser príncipes na presunção os que são nus e pobres na fazenda. A qual presunção lhe ficou em lugar das riquezas, que dantes eles tinham e tiveram seus avós e estão agora em estrangeiros; pelo que dizem que disse o Infante D. Henrique, descobridor desta ilha e das outras, que os primeiros povoadores delas roçariam e os filhos comeriam, os netos venderiam, e os bisnetos fugiriam<sup>37</sup>

por não poderem responder pelos pesados encargos de dívidas que sobre os seus ombros tomaram. Acabaram, por isso, por alienar o que possuíam, a favor da Coroa, do donatário ou de estranhos, fazendo ruir assim a antiga harmonia social das ilhas<sup>38</sup>. Este estado de decadência,

---

<sup>37</sup> *Ibidem*, p. 59.

<sup>38</sup> Esta apreciação contrasta com descrições do cronista, designadamente, no *Livro Quarto das Saudades da Terra*, que dão conta do surto de prosperidade que as ilhas conheceram, a partir dos finais do século XV, e que se refletiu no modo como se estruturaram as relações entre as principais famílias micalenses, com vista a aumentar e consolidar o seu poder e influência, não apenas económico, mas também social e político. A partir do reinado de D. Manuel, expandiu-se no arquipélago o sistema de administração municipalista, tendo sido elevadas diversas localidades da ilha ao estatuto de vilas. Esta constituiu uma primeira etapa da formação duma crescente e influente nobreza local que, pela apropriação de terra e fixação do seu património, deu origem ao movimento de vinculação da propriedade, com o conseqüente processo de nobilitação e de afirmação do seu poderio. Uma parentela influente ocupa os principais lugares da administração camarária e as chefias das companhias de ordenança que defendiam as populações dos ataques dos corsários (cf. José Damião Rodrigues, «Elites locais e redes de poder em São Miguel no século XVI: O testemunho de Gaspar Frutuoso»,

deplora Frutuoso, «é uma das cousas de que eu mais saudade tenho e que mais choro nesta terra que outras muitas»<sup>39</sup>, pois ele teve lugar não por força de desastres naturais, contra os quais as nossas forças são muitas vezes impotentes, mas por desleixo ou por incúria das pessoas, que se refugiaram numa vida social artificial, em que fingiam ser o que não eram e possuir o que não tinham, como estatuto social e conhecimento, conforme exemplifica:

Os que nunca vestiram arnês, nem malha, dizem que são fortes cavaleiros, e os que não aprenderam letras se prezam de letrados extremados, e isto com tanto despejo e ousadia, com meneios e com tão pouco pejo o afirmam e sustentam com palavras, que, até a quem os está conhecendo, põe em dúvida se será assi o que dizem, quanto mais aos que vêm de fora e a quem os não conhece<sup>40</sup>.

Perante uma sociedade que perdera a sua razão de viver com autenticidade, o exílio representa a saída inevitável para a Verdade, pois, se toda a gente a despreza e a põe de parte, só lhe resta refugiar-se em «solitário ermo»<sup>41</sup>, indo, diz ela, «morar antre estas sombrias e frondosas árvores e repousar sobre estas verdes e frescas ervas e encostar-me a estes duros e lisos penedos, das contínuas correntes tão lavados»<sup>42</sup>. Assim poderá viver em sintonia perfeita com a natureza, embalada pelas melodias do «cantar dos passarinhos, o bradar dos melros, o gritar dos pavões, o arruído das árvores e o roncar destas ribeiras»<sup>43</sup>, longe, portanto, do bulício das «praças cheias de murmuradores e lisonjeiros»<sup>44</sup>. Recupera, deste modo, um tipo de vida sem as deformações e vícios que

---

pp. 99-110 e «Nobrezas locais e apropriação do espaço: A vinculação em São Miguel no reinado de D. Manuel», pp. 81-97).

<sup>39</sup> Gaspar Frutuoso, *Livro Primeiro das Saudades da Terra*, p. 60.

<sup>40</sup> *Ibidem*, p. 61.

<sup>41</sup> *Ibidem*, p. 9.

<sup>42</sup> *Ibidem*, p. 8.

<sup>43</sup> *Ibidem*, p. 35.

<sup>44</sup> *Ibidem*, p. 21.

contaminam a vida social, mas «onde não há senão cousas governadas na obediência do Criador que as criou todas»<sup>45</sup>.

Gaspar Frutuoso terá acompanhado a profunda transformação que, entre 1520 e 1550, se operou na ilha de São Miguel, mercê da abundância da produção agrícola e do desenvolvimento da exportação de trigo e pastel, que colocaram a ilha na rota da navegação comercial de vários países da Europa, como Inglaterra, França e a região da Flandres. Esta expansão teria sido o resultado duma política que, de forma sistemática, a partir do último quartel do século XV, procedeu ao povoamento e intensificou o arroteamento e cultura da terra, bem como a organização administrativa. Neste período embrionário da sociedade micalense, predominantemente mobilizada na tarefa de transformar o mato em terra de cultivo, a agricultura constituía ocupação de todos, em que fidalgos e servos partilhavam juntos os mais rudes e árduos trabalhos dos campos<sup>46</sup>. Quando Frutuoso vai estudar para Salamanca, por volta de 1548, o ambiente de isolamento tinha já diminuído e os contactos comerciais com o exterior tinham aberto outros horizontes à população. Também as carências na instrução e na educação religiosa tinham já sido de algum modo colmatadas, graças em grande parte ao estabelecimento dos primeiros conventos franciscanos. Simultaneamente, emergiu uma classe de prósperos proprietários que fez concentrar nas mãos de algumas famílias o poder e a influência na condução dos destinos da ilha.

Poderemos conjecturar que, ao regressar à sua ilha, após prolongada ausência em Salamanca e Portugal continental, interrompida por alguns períodos de permanência em São Miguel, Frutuoso tivesse sido tocado pelas diferenças de costumes e mentalidades das pessoas e fosse impelido a estabelecer comparações com o estilo de vida da sociedade que conheceu na sua infância e juventude. Será pois de admitir que se mostrasse particularmente sensível perante as estratégias de nobilitação e afirmação social de certas pessoas e famílias, e as considerasse estranhas em comparação com a memória que conservava de outrora. Poderemos

---

<sup>45</sup> *Ibidem*, p. 9.

<sup>46</sup> Cf. Rodrigo Rodrigues, «Notícia Bibliográfica do Dr. Gaspar Frutuoso», p. XLIX.

presumir, por isso, que o desapontamento que manifesta pela vida social do seu tempo, marcada pelo exibicionismo e ostentação de predicados que na verdade as pessoas não possuíam, não refletisse apenas a subordinação a cânones literários nem desse apenas cumprimento a uma qualquer estratégia dissimuladora para obviar qualquer indesejável supervisão inquisitorial, mas correspondesse antes ao intuito de moralizar uma «fidalguia postiça»<sup>47</sup>, dominante e dominadora, que se impunha aos demais sem sabedoria nem critérios de justiça, mas movida pelo interesse comercial e pela força ameaçadora do seu poder. A saudade que perturba o coração da Verdade nasce do reconhecimento de que a situação da sociedade de então se apresenta completamente destituída de sentido e que a lembrança do estado de vida ausente traz de volta a “Terra” antiga, antes da vida social a ter adulterado. As “saudades” de Frutuoso não respondem, por isso, a um sentimento de nostalgia por eventuais amores mal sucedidos, ou por lugares e ambientes da juventude já desaparecidos. Muito pelo contrário, as suas “saudades” respeitam a um pungente sentimento que se aloja no coração como reação a uma visão pessimista do homem e da sociedade e à decadência que os afeta, pela ausência dos valores da Verdade, da Justiça e do Bem. Por isso o seu estado de espírito é de completa tristeza ou de solidão pelo afastamento dum estilo de vida que é lembrado com afeto.

A história das ilhas que a Verdade se propõe contar é o reflexo deste sentimento:

eu não hei de escrever senão tristezas, pois no mundo já não há contentamentos, e os que há, ou houve, são e foram breves e mui pequenos, por grandes que eles pareçam e parecessem, depois que se vem a descobrir a mistura e liga do mal encoberto que consigo trazem e com que aguados foram. E ainda que compridas e perfeitas fossem as alegrias, como logo foram salteadas com ciladas de tristezas, ainda que mui pequenas quantas vimos, vem cada um experimentar em si, ou em seu vizinho, que nunca nesta vida triste os grandes bens se igualam com pequenos males, porque,

---

<sup>47</sup> Gaspar Frutuoso, *Livro Primeiro das Saudades da Terra*, p. 61.

enfim, mais magoa uma pequena mágoa do que deleita um gosto grande<sup>48</sup>.

A decadência das ilhas reflete-se numa absurda inversão do estatuto das pessoas, conforme o autor faz dizer à sua personagem, a Verdade, de modo admonitório:

Só o fidalgo é aqui vilão antre vilãos, e só o sábio é nesta terra néscio antre néscios, sem poder achar a água que dizem que em outro tempo choveu pera emprasto e mezinha disto. Não é aqui (segundo se diz) tão bom Pedro como seu amo, mas muitas vezes melhor sem conto. E bem se parece nos vestidos, em que o nobre e poderoso, contentando-se com o honesto, se refrea, e o baixo e pobre à rédea solta corre, como desenfreada besta. E assi se ficam e ficarão nesta terra estas enfermidades (sic) sem remédio<sup>49</sup>.

A estratificação social existente mostra uma preocupante subversão do ordenamento natural das coisas, com prejuízos a nível social e cultural. As pessoas adotaram uma forma de vida que deixou de condizer com o seu respetivo estatuto social, pelo que tudo parece girar ao contrário. O «nobre e poderoso» tem uma vida simples que se não distingue dos demais, sem se preocupar com as aparências, mas antes e tão-somente com a honestidade. Pelo contrário, o «baixo e pobre», ou o que daí provém, ostenta a preocupação de parecer «melhor sem conto» do que os antigos fidalgos. O autor mostra-se particularmente sensível, nas suas descrições do ambiente social das ilhas, a um conjunto de práticas associadas ao primado da honra e da autoridade do *pater familias*, que denotam a importância que a hierarquia social assumia e o papel regulador de que os preceitos morais se revestiam no delinear das estratégias de poder das famílias<sup>50</sup>. Por isso, a mobilidade social que desfaz a ordem estabelecida

---

<sup>48</sup> *Ibidem*, p. 9.

<sup>49</sup> *Ibidem*, p. 62.

<sup>50</sup> Cf. José Damião Rodrigues, «Gaspar Frutuoso e as dinâmicas sociais e políticas no século XVI», v. I, p. 299.

pelo governo da divina Providência incomoda Frutuoso, que ainda se queixa, com displicência, desses «novos-ricos», que não reconhecem, mas antes rebaixam, os senhores e os homens sábios. A situação, porém, não é específica das ilhas, mas é igual em toda a parte, só que nesta terra tudo se torna mais grave e acontece com plena impunidade, pois «não há lugar pera onde subir; pera descer si, e este sempre o houve, porque, como a justiça da terra seja como o vinho dela, que não tem força alguma, onde não há prêmio pera bons nem castigo pera maus tudo são descidas»<sup>51</sup>.

Frutuoso sente saudades do que a terra foi em outro tempo, nas suas origens, em que a Verdade era estimada e tida em grande conta. Trata-se, pois, da saudade de querer restabelecer os alicerces duma sociedade que se desviou deles, com a preocupação de recuperar os fundamentos que a poderão reerguer e legitimar, embora consciente da falta de sucesso de tal tarefa. Por isso, o desfecho da tristeza e do desalento que as saudades fazem crescer no coração da Verdade conduz à solidão, como forma de negação ou de repúdio de toda a decadência que a vida social apresenta e que a torna estéril como um deserto, conforme diz assim:

Já esta terra não é terra, é desterro; e quando era desterro de alguns, era verdadeiramente terra. Mas, agora, foi-se fazendo tão estéril dos bens que tinha e dos mantimentos que dantes, com grande abundância, dava, e envelheceu tão azinha, que quem se lembra dos bens, que nela houve, e tem experiência das misérias, que nela agora vê, não pode deixar de chorar com saudade daquele bom tempo passado e consumido, vendo que vão os pecados das gentes enchendo e suprimindo o lugar dos frutitos que a terra nega<sup>52</sup>.

A saudade de Frutuoso não se confunde com a tristeza dos seus estados pessoais, mas, como no rei-filósofo, ela é a solidão que se sente quando nos afastamos de tudo o que lembramos com afeto, neste caso, modelos

---

<sup>51</sup> Gaspar Frutuoso, *Livro Primeiro das Saudades da Terra*, p. 63.

<sup>52</sup> *Ibidem*, p. 63.

de vida perdidos a que nos sentimos indelevelmente ligados pelos vínculos da lembrança a que permanecemos leais.

Todavia, embora os primeiros oito capítulos do *Livro Primeiro das Saudades da Terra* claramente apontem para a necessidade de procurar uma fundamentação mais remota que possa conferir à vida social uma intencionalidade que opere o restabelecimento da sua verdadeira energia, o aprofundamento desta reflexão far-se-á nas *Saudades do Céu*, livro que Frutuoso começou a escrever no final da sua vida e que constitui o remate da reflexão iniciada nas *Saudades da Terra*. Trata-se de uma narrativa com uma configuração alegórica que visa revestir de autenticidade o acontecer histórico, ou seja, conduzir a vida por desígnios de verdade.

A realização do homem e o fim da história não se compreendem nos limites definidos pelas fronteiras da temporalidade que demarcam o fluir dos acontecimentos da vida individual e social. Pelo contrário, remetem para fora do homem e da história, não para fomentar atitudes de demissão ou de fuga, mas para reintroduzir na história um sentido de autenticidade que a firmeza dos princípios absolutos da Verdade e do Bem poderão assegurar. Este constitui o caminho da reconquista do paraíso perdido, que o capítulo quarto das *Saudades do Céu* começa a apresentar e onde poderemos encontrar o sentido último do sentimento saudoso que as *Saudades da Terra* insistentemente referem.

### 3

## GASPAR FRUTUOSO E A SAUDADE NO CAMINHO DA REDENÇÃO DO HOMEM

As duas obras conhecidas de Gaspar Frutuoso *Saudades da Terra* e *Saudades do Céu* adotam, em comum, um discurso alegórico, em que duas personagens de elevado simbolismo, a Verdade e a Fama, comandam, de algum modo, toda a narrativa, ao ponto de desvanecerem completamente a presença do autor. Quer nos primeiros oito capítulos do *Livro Primeiro das Saudades da Terra*, que bem poderá ser considerado uma introdução a toda a obra, quer nas *Saudades do Céu*, a Verdade aparece associada a outras três personagens, que são referidas pelos seus nomes próprios e pelos respectivos anagramas. Assim, o Tempo, ou el-rei Ponte, surge como sendo o pai temporal da Verdade, e o Temor de Deus, ou Torme, e a Vergonha do Mundo, ou Nhevorga, são apresentados como seus irmãos. Todavia, é a Verdade, também denominada Dederva, quem assume a construção da narrativa, em que conta à Fama ou Mafa as “novas” destas ilhas que conseguiu saber, apresentando umas, esclarece, «como testemunha de vista, e outras, que não vi, direi, como as pude saber doutrem»<sup>1</sup>. O encontro das duas personagens marca o desenrolar de cada um dos livros, que se inicia sempre ao romper do dia, conforme é anunciado no final de cada jornada, que termina sempre ao cair da noite. No ambiente bucólico do interior luxuriante de uma serra da ilha de S. Miguel, em que não faltam o canto dos passarinhos, a fragrância das flores, o mugido das vacas, o balido das ovelhas, o saltitar das cabras e a lida dos pastores, a Verdade dispõe-se a contar à Fama a história

---

<sup>1</sup> Gaspar Frutuoso, *Livro Primeiro das Saudades da Terra*, p. 63.

das ilhas, sempre junto da «grande e fresca ribeira», em que, sentadas sobre penedos, desfrutam da frescura do «verde e frondoso arvoredor». A Fama, voando «assentada sobre um espantoso grifo, que, de quando em quando, tangia uma trombeta, que nas mãos trazia»<sup>2</sup>, chega junto da Verdade para que lhe conte «a certeza das cousas e das gentes destas terras»<sup>3</sup>. Porém, a Verdade, antes de aceder ao que a sua inesperada visitante lhe pedia, fala de si e disserta sobre as precauções de natureza gnosiológica a que o desempenho da sua tarefa deverá atender. Ao mesmo tempo, deixa transparecer as suas concepções sobre a origem e destino do homem, o sentido da vida social, em que a ação livre do homem na história se compreende orientada por uma escatologia dos fins da humanidade que se definem perante a ordem incondicional da verdade e do bem. Nas *Saudades do Céu*, a temática é reassumida numa exposição menos coloquial e factual, mas mais claramente doutrinal: a Verdade, agora meditando pela noite dentro, procura conhecer melhor «quem era, ou donde descendia»<sup>4</sup>, e fala da sua natureza, bem como das vias que conduzem ao seu conhecimento e das exigências da vida moral segundo os seus desígnios. Dá a conhecer ainda as razões que justificam a sua irremissível tristeza, muito por causa do estilo de vida das pessoas que seguem por caminhos que se afastam dela.

Iremos procurar compreender o pendor escatológico do discurso de Gaspar Frutuoso, marcado pela preocupação de apontar o caminho de autenticidade para uma sociedade que se terá afastado do seu destino último. Assim, começaremos por atender ao virtuosismo do estilo utilizado, que encontra na alegoria, em torno do diálogo entre duas personagens – a Verdade e a Fama –, a forma de transmitir o que deverá ser o verdadeiro caminho de redenção do homem e da sociedade; de seguida, incidiremos a atenção na procura da razão de ser do infortúnio da Verdade, forçada a levar uma vida solitária, pelo desprezo e falta de reconhecimento a que é votada, e repleta de saudades de um tempo perdido; finalmente, iremos procurar apresentar o significado

---

<sup>2</sup> *Ibidem*, p. 27.

<sup>3</sup> *Ibidem*, p. 53.

<sup>4</sup> Gaspar Frutuoso, *Saudades do Céu*, p. 33.

da noção de verdade e perceber o sentido da saudade como fundamento do itinerário da vida que deseja a redenção e se prepara para a eternidade.

### 1. A «alegoria frutuosiã» e a redenção do homem

O recurso de Frutuoso a nomes dotados de significação própria, como a Verdade e a Fama, para denominar os protagonistas que dão corpo a uma ficção discursiva, que pretende dar a conhecer dimensões complexas da experiência interior do autor e as suas concepções morais, filosóficas e teológicas, compreende-se, genericamente, como um estilo de exposição em que se utiliza uma figura de retórica – a alegoria. É uma forma de exprimir, por meio de imagens, símbolos ou personagens, um significado idealizado e oculto, que muito dificilmente se deixaria traduzir diretamente pelas categorias que alimentam o discurso corrente. Ao procurar transmitir, por meio da linguagem, a intensidade das suas vivências interiores, o autor acrescenta à significação própria das palavras uma significação figurada que remete para referentes diferentes daqueles que anteriormente possuíam. No estudo introdutório que José Enes escreveu para a edição das *Saudade do Céu*, e cuja redação final lamentavelmente já não pôde rever, chama demoradamente a atenção para a dimensão nova que o discurso de Frutuoso ganha neste texto, ao comunicar um significado que vai para além daquele que habitualmente possuiria. Daqui decorre não só a exigência de uma leitura interpretativa que procure clarificar o seu sentido latente e mais profundo, mas também um inestimável enriquecimento lexical da língua e o aprimoramento da expressão linguística, que se pretende sugestiva e convincente. A semelhança que aproxima a alegoria da metáfora está em que ambas remetem para um significado diferente daquele a que aparentemente estão ligadas. Todavia, ao contrário da metáfora, que procede à simples transferência dum nome ou dum verbo para coisas ou ações diferentes das que lhes são próprias, sem que haja entre os dois termos uma relação evidente de vizinhança categorial, a alegoria não procede ao simples traslado duma significação para um referente que ganha, entretanto, uma significação figurada. O universo de significações da alegoria exige um procedimento mais elaborado, que passa pela narrativa duma ação

ou acontecimento a que, independentemente da sua historicidade, se atribui a relevância de modelo do mundo real<sup>5</sup>.

O discurso de Frutuoso, ao centrar-se no encontro de duas personagens, a Verdade e a Fama, e nos monólogos que a Verdade desenvolve, na sequência do que esses encontros propiciavam, reflete uma mundividência que está para além do significado direto que o discurso pode transmitir e a nossa experiência sensorial é capaz de apreender. A personagem que comanda o desenrolar da narrativa, a Verdade ou Dederva, transmite uma mensagem sapiencial que projeta as ações humanas, assim como todo o acontecer histórico, no quadro ideal em que se deverão entender. Este aspeto é particularmente posto em evidência por Maria do Céu Fraga, ao analisar, no *Livro Quinto das Saudades da Terra*, a intertextualidade de Frutuoso com importantes obras da literatura do seu tempo, designadamente, de Camões, Bernardim Ribeiro e Cristóvão Falcão. Neste seu ensaio, sublinha muito acertadamente como, «sob a tutela da retórica», Frutuoso cumpre o alto propósito de «sondar e explicar o próprio homem pelas suas ações e, ao mesmo tempo, de doutrinar e moralizar, propondo ao leitor os caminhos abertos pelos exemplos apresentados e pelas ‘saudades’ que deles emanam»<sup>6</sup>. A par de «uma certa originalidade na narrativa» em que sobressai «uma cultura muito vasta e operante»<sup>7</sup>, destaca o propósito edificativo do autor quinhentista, claramente assumido, quando, no final da sua novela, associa a narrativa das histórias dos dois amigos à sua intenção de as apresentar «pera exemplo nosso»<sup>8</sup>. Também Margarida Lalanda, ao examinar os principais vetores que dirigem a visão frutuosiana da sociedade micalense, nos volumes 2.º e 3.º do *Livro Quarto das Saudades da Terra*, faz notar a preocupação moralizante de pôr em evidência os atributos que a nobilitam. A “grandeza” das pessoas não se reconhece pelos seus títulos de nobreza,

---

<sup>5</sup> Cf. José Enes, «Reflexões sobre as *Saudades do Céu*», pp. 16-19.

<sup>6</sup> Maria do Céu Fraga, «Gaspar Frutuoso: a literatura, o desterro e as saudades», pp. 676-677.

<sup>7</sup> *Ibidem*.

<sup>8</sup> Cf. *ibidem*, p. 703.

mas pela ancestralidade familiar, capacidade de manter e aumentar o património, de intervir na resolução de conflitos, pela generosidade de partilhar os bens materiais, e por todos os comportamentos exemplares e dignos de serem apresentados como modelos de virtude a seguir pela sociedade. Frutuoso preocupa-se em identificar e enaltecer as personalidades e suas famílias que, pela fortuna que possuem e pela virtude que aparentam, são exemplos de vida para a comunidade, deixando, em geral, sem identidade o povo rude e simples – “os comuns” – e censurando as situações de subversão da ordem social e de dissipação do património. Desta forma, o próprio autor «nos é revelado pela sua descrição da sociedade micaelense»<sup>9</sup>, ou seja, pelo seu propósito de enobrecer modelos de vida social e moral edificantes. No desenrolar da sua exposição do modo de vida desta pequena sociedade atlântica do século XVI, o historiador deixa-se conduzir pelos modelos de vida social e moral que a sua alegoria se esforça por apresentar, deixando fora do olhar da história os aspetos sociais e morais que se desviam do seu modelo inspirador<sup>10</sup> que, como sugerimos no capítulo anterior, foram modelarmente enunciados pela Verdade no que podemos denominar o próêmio da sua obra.

Os diferentes livros que constituem as *Saudades da Terra*, em particular, o *Livro Quarto*, dão a conhecer o surto de prosperidade que as ilhas conheceram a partir dos finais do século XV, e que alteraram as suas estruturas de poder económico e político, como aludimos no capítulo anterior. Uma certa mobilidade social, com alteração de costumes e mentalidades, teria suscitado a reação crítica do autor que se sentiria impelido a intervir para restabelecer a ordem das coisas segundo os padrões tradicionais. Por esta razão, ganha sentido o teor do discurso desenvolvido nos primeiros oito capítulos do *Livro Primeiro das Saudades da Terra*, que trata da vida social das ilhas do ponto de vista do que ela deverá ser ou do que é possível e desejável que ela venha a ser. Em lugar de se circunscrever apenas a apresentar os acontecimentos sociais,

---

<sup>9</sup> Maria Margarida Lalanda, «As estruturas sociais micaelenses em Gaspar Frutuoso», p. 344.

<sup>10</sup> Cf. *ibidem*, pp. 349-354.

políticos, económicos ou outros que se viviam nas ilhas, o discurso configura e dá vida a personagens que desempenham papéis que apontam o sentido à ação narrada e dão a conhecer a sua intencionalidade, a qual ganha expressão pelo confronto entre o desvirtuamento do mundo real e a autenticidade dum mundo de verdade, que se perdeu ou corre o risco de se perder, mas a que nos mantemos ligados pela saudade. Trata-se, pois, de um discurso que remete para além do significado literal das palavras que o compõem e da realidade histórica a que eventualmente se reporta. Os ambientes e as ações que são objeto da narração sugerem outros cenários que são evocados com saudade, não podendo o seu entendimento circunscrever-se ao seu sentido corrente, sob pena de deixar sem expressão uma intencionalidade mais profunda.

No estudo introdutório que antecede a edição das *Saudade do Céu* e a que já aludimos, José Enes considera, muito justamente, que o discurso alegórico de Frutuoso, pela forma como comandou o andamento da sua obra e pela «originalidade criativa e inovadora que lhe imprimiu, bem o podemos denominar alegoria frutuosiânica»<sup>11</sup>. Destaca-a, por isso, como elemento fulcral para compreender o pensamento do autor, que se situa muito para além da sua produção historiográfica e exige, por conseguinte, um trabalho de análise interpretativa. A clarificação do significado mais profundo da «alegoria frutuosiânica» afigura-se indispensável, não certamente com vista à descodificação do «seu discurso especificamente histórico, sobejamente sujeito à “verificação” crítica por parte de numerosos estudos (...), mas de modo mais assertivo na descoberta da intencionalidade do trabalho historiográfico do nosso autor quinhentista»<sup>12</sup>, que não perde de vista o propósito de apontar o caminho de autenticidade do mundo social. Competirá à análise hermenêutica descobrir e entender o sentido desta discursividade simbólica, procurando vislumbrar no seu andamento os sinais duma inspiração filosófica que os discursos alegóricos da Verdade mostram o propósito de fixar.

---

<sup>11</sup> José Enes, «Reflexões sobre as *Saudades do Céu*», p. 11.

<sup>12</sup> *Ibidem*, p. 20.

## 2. As «saudades de tanto bem perdido»

A apresentação que Frutuoso faz das duas personagens da sua alegoria, a Verdade e a Fama, aparece, nos dois textos a que nos temos vindo a referir, rodeada de contornos que denotam a preocupação literária de lhes modelar uma personalidade que dê suporte ao protagonismo que ambas são chamadas a assumir. O autor traça o perfil físico e psicológico das duas «donzelas», descrevendo as respetivas fisionomias, trajas, adereços e ambientes em que vivem, relatando ainda os sentimentos de que são possuídas e os desígnios que dirigem os respetivos desenvolvimentos discursivos. A Verdade traja um vestido branco, sem adornos, e usa o cabelo solto e desalinhado, como sinal da sua condição de solitária, enjeitada e caluniada pelos que vivem na mentira, na ignorância e à margem da virtude. Vive longe dos povoados, refugiada numa serra, onde, com saudades da vida que tivera, chora sem cessar a sua triste condição. Pelo contrário, a Fama traz um vestido de penas de aves muito coloridas e espalha no ar uma agradável fragrância oriental. Os cabelos longos e dourados esvoaçavam à sua chegada, mas logo, ao avistar a Verdade, cuidou de prendê-los com uma fita azul, após o que «se olhou no espelho, que do seio tirara, em que viu sobre a sua cabeça, da fita e cabelos tecida e trançada, uma rica coroa feita toda e bem lavrada de ouro azul»<sup>13</sup>.

Todo o discurso da Verdade, nos primeiros oito capítulos do *Livro Primeiro das Saudades da Terra*, é marcado pelo debate duma permanente ambivalência de dois tipos de vida: um, em que a Verdade viveu por escassos momentos uma vida plena, cuja memória preserva com saudade; o outro, em que foi desterrada, quando era ainda muito pequena, e onde vive desamparada, cheia de mágoas e de «saudades de tanto bem perdido»<sup>14</sup>, que a faz morrer continuamente, a cada momento. No contraste entre os dois estilos de vida, sobressai a memória saudosa dum paraíso perdido e dum ambiente de fruição, em tudo semelhante

<sup>13</sup> Gaspar Frutuoso, *Livro Primeiro das Saudades da Terra*, p. 28.

<sup>14</sup> A presente citação e as seguintes, salvo indicação em contrário, são do primeiro capítulo do *Livro Primeiro das Saudades da Terra*, pp. 3-16.

ao estado de inocência dos jardins do Éden, que nos é relatado pelo autor do *Génesis*. A vida, porém, é atingida por um cruel e, ao que parece, irreparável desamparo, em que a Verdade cai «doutra terra mui alta a esta baixa», em que é confrontada, sem cessar, com sentimentos de inveja e desejos de violência que provocam lutas fratricidas, «mais que civis batalhas e mortes cruas», que desfiguram o ambiente social, afastando-o do seu modelo primordial. A Verdade passa a ficar, por conseguinte, «estranhada e estrangeira em terra alheia» e dá começo a uma forma de vida de exílio, marcada pelo estigma da incompreensão, que a faz sentir-se «engeitada, desterrada e aborrecida no mundo e sem viver». Este desenraizamento atinge a expressão mais dramática na incapacidade de comunicação com os demais habitantes, que falam linguagens desconhecidas que a entristecem. Por isso, quando deixa por momentos a vida solitária e se dirige a algum povoado, troca o seu vestido branco por outro de cor diferente e usa um «cadeado mourisco que por dentro fecha os beijos», para assim sustentar a sua impetuosidade admonitória, o que atrairia sobre si maiores perseguições. Nos primeiros anos do seu exílio ainda viveu «antre homens mui honrados», mas logo cresceu a animosidade que todos começaram a manifestar-lhe, de tal modo que, precisa ela, «não havia pessoa que com direitos olhos me olhasse; nenhum me via, nem ouvia, que não me perseguisse e, se alguém me tinha afeição, não ma mostrava». Para não ser notada e atormentada, decide trocar as letras do seu nome, passando a chamar-se Dederva, e a isolar-se do convívio das pessoas, escolhendo refugiar-se no interior de uma serra, que descreve como sendo um «solitário ermo, onde não há senão cousas governadas na obediência ao Criador que as criou todas». Trata-se de um local onde poderá viver tranquila, em plena natureza, ou seja, declara, apontando à sua volta, «antre estas sombrias e frondosas árvores e repousar sobre estas verdes e frescas ervas e encostar-me a estes duros e lisos penedos, de contínuas correntes tão lavados». Espera, desta forma, levar uma vida sem perseguições, pelo menos enquanto não descobrirem o seu paradeiro, pois, vaticina ela, «assim que se souber que eu aqui estou e moro, me hão de fazer os homens guerra a ferro e fogo».

A opção de viver isolada de todos não representa uma escolha que corresponda às suas inclinações ou preferências. Pelo contrário, vai contra a sua vontade, que estima a companhia das pessoas e procura corresponder às suas solicitações. Trata-se, pois, de uma escolha contra a sua própria natureza, que tende a difundir-se, como acontece com todo o bem. A Verdade toma este isolamento em que vive como uma maldição que a condena a viver como quem morre, pelo que se considera vítima duma deformidade da roda da Fortuna, que em vez de circular se tornou quadrada, fazendo que, assim, lastima-se, «meus males nunca foram pera bens, mas sempre fizeram firme e imóvel assento no que sempre foram e dantes eram». Deste modo, permaneceram de forma tão firme e definitiva que lhe modelaram totalmente a natureza. Frutuoso recorre à figuração da roda para representar a Fortuna, uma imagem que foi bastante desenvolvida por Boécio para mostrar que os bens, dignidades e poderes deste mundo são provisórios, ou seja, da mesma forma que são concedidos ao homem também da mesma forma lhe são tirados, conforme expusemos no capítulo anterior. O infortúnio marca a vida das pessoas de forma extrema, por ninguém lhe poder escapar enquanto viver. Somente a morte nos poderá libertar deste destino cruel, pois a partir daí a Fortuna perde todo o seu poder. Por isso, não será possível neste mundo encontrar lugar para a alegria, mas antes para a tristeza e choro de copiosas lágrimas, como Frutuoso acentua, em tom interpelativo, nas *Saudades do Céu*, perante a tomada de consciência da certeza da morte e da incerteza da salvação que será decidida na prestação de contas, no Juízo Final:

Se bem atentamos que coisa há nesta vida que não seja para chorar? (...) se temos siso, e vive a fé em nós outros, a nenhuma parte viraremos os olhos, que não choremos. Se olhamos atrás a má vida passada bem há aí que chorar; se o presente, está caído, ou em perigo de cair, se em o porvir a morte, e adiante a conta, e mais adiante o remate da conta que há-de resultar. Se olhamos arriba, um Céu, e em perigo de perdê-lo, se abaixo, um Inferno, e o risco de ir lá, se a mão esquerda adversários; se à direita, falsos contentamentos, e em tudo

dores, trabalhos, e perigos da salvação da alma, e o fim de tudo isto se há-de ver em breve, pois sendo assim, quem não chora? Como há homem que se ria?<sup>15</sup>

A tristeza é um estado de espírito permanente de uma vida marcada pelo infortúnio e pela mortificação dum angústia que não deixa durar muito os instantes de alegria que possam ser vividos. A razão de uma tal tristeza não provém da natureza da Verdade, como acontece com as pessoas, mas prende-se com os vícios que o livre-arbítrio instalou na vida social e com o emergir da saudade do tempo em que a verdade era reconhecida como sendo «objeto e perfeição da razão humana e lei de todas as artes»<sup>16</sup>. Como afirma logo de seguida, apesar da rejeição de que é alvo, ela continua inalterada na sua natureza e nos seus desígnios: «mais forte que todas as coisas fortes» e, simultaneamente, «conservadora da companhia humana e dos contratos dela». O sentimento da saudade permite afastar uma visão pessimista do homem e da sociedade, pela afirmação dum sentido de vida que se projeta para além da história.

### 3. Do conhecimento verdadeiro e da ação virtuosa

O autor apresenta a Verdade nos termos da conceptualidade mais tradicional da filosofia escolástica, como expressão do Ser absoluto, Deus, simultaneamente, uno, verdadeiro e bom. Com propriedade, somente Deus é a Verdade, denominada de Verdade incriada. Diferente é a verdade criada, que inclui, para além da protagonista da alegoria frutuosiã, a que nós possuímos por via do conhecimento, a qual se compreende como adequação entre o que as coisas são em si mesmas e o que o entendimento ou o coração delas dizem. Estas são as verdades dos filhos dos homens, que apesar de serem poucas, neste mundo, Frutuoso diz que «ainda essas poucas não têm de todo cheia sua valia»<sup>17</sup>. O seu acesso não se opera de forma direta, mas exige elaborada ponderação,

---

<sup>15</sup> Gaspar Frutuoso, *Saudades do Céu*, p. 40.

<sup>16</sup> *Ibidem*, p. 31.

<sup>17</sup> *Ibidem*, p. 34.

conforme expõe, no capítulo oitavo do *Livro Primeiro das Saudades da Terra*, ao decifrar as frases que se encontram gravadas no peito do vestido branco da Verdade, inscritas num triângulo, do centro para cada um dos seus ângulos, e que dizem assim: «Não creias quanto ouves; não digas quanto sabes; não desejes quanto vês»<sup>18</sup>. Encontra-se nesta inscrição o lema a seguir não somente na pesquisa histórica, a que o autor se dedica e que a Verdade se dispõe a contar à Fama, mas também na organização social e na conduta de cada um, segundo critérios de Verdade e de Bem. A imagem apela para a indispensável articulação das «três potências da alma», a memória, o entendimento e a vontade, na construção de todo o conhecimento verdadeiro, assim como de toda a ação justa. Da mesma forma que o triângulo, onde estão inscritas as frases que representam as três faculdades, se não compreende só pelos seus lados ou só pelos seus ângulos, mas, como diz Frutuoso, «é uma só figura e tem três cantos», também as três faculdades não operam isoladamente, de modo especial a inteligência e a vontade, mas encontram na figuração que a Verdade exhibe no seu «brial» o modelo ou o «espelho da vida humana», que a todos deverá inspirar ou em que todos se deverão rever, ao nível do conhecimento verdadeiro e da ação virtuosa. Todavia, todos recusam olhar-se nesse espelho «porque torna feios aos que dele mal usam», ou como explica a seguir:

Aos maus mostra este espelho o rosto às vexas (*sic*), mas aos bons às direitas lho está mostrando, pois eles são os que diretamente não creem quanto ouvem, nem dizem quanto sabem, nem desejam quanto veem, como diz este espelho. E de as gentes se não quererem ver no direito dele, senão no avesso, daqui nascem todos os desconcertos e erros da vida humana.

Uma série de exigências de carácter epistemológico, apoiadas fundamentalmente nos ensinamentos tradicionais da psicologia do ato voluntário, procuram salvaguardar o conhecimento e as ações humanas

---

<sup>18</sup> A presente citação e as seguintes, salvo indicação em contrário, são do capítulo oitavo do *Livro Primeiro das Saudades da Terra*, pp. 53-63.

do imediatismo das primeiras impressões e impulsos, como já tivemos ocasião de referir antes. As potências da alma não funcionam de forma isolada, mas apoiam-se umas às outras na organização do conhecimento e na condução do agir humano, cabendo ao entendimento a função de discernir, nas informações que recebe dos sentidos e nas ações que a vida das pessoas reclama, o que se mostra conforme à verdade e ao bem. Será na medida em que o homem for capaz de subordinar à luz esclarecida da razão os desejos da vontade, assim como as informações que recolhe da experiência e as que guarda na memória que se tornará apto a

saber ver o que vê, ouvir o que ouve, falar o que diz, acertar o que faz; porque, ficando atrás o entendimento, fica nossa vida cega, às escuras, sem tocha, vendo o que não vê, e nosso ouvido surdo, ouvindo o que não ouve, e nossa voz falsa e enganosa, falando o que não é, e nossa obra errada, obrando o que primeiro não entende.

Esta orientação, que traça o caminho da descoberta da verdade, não atrai as pessoas, que preferem antes correr atrás do que lhes ditam os seus mais desordenados apetites. É a marca deixada pelo pecado original que torna as pessoas cegas para a luz clara da verdade, como reconhece a Fama, quando diz à Verdade «que desse vosso claro espelho lhe vem nascer esta cegueira, que, mal pecado, já o mundo as cousas claras o cegam e as cegas lhe dão claridade, porque amaram mais os homens as trevas obscuras e feias que a luz fermosa e clara».

Apesar de encontrarmos, no diálogo entre a Verdade e a Fama, elementos dum fatalismo pessimista que não permite alimentar a esperança de que a Verdade venha a recuperar o reconhecimento do alto merecimento que outrora gozou, o autor acaba por deixar pistas que identificam alguns segmentos da sociedade que se mostram sensíveis aos apelos da Verdade. Antes de se instalar na ilha de S. Miguel, onde é visitada pela Fama, admite ter existido um tipo de pessoas que a reconheciam e a quem esporadicamente visitava: «quando vou ter a quaisquer dos povoados de toda a redondeza do Universo, trato e comunico com os mais virtuosos e prudentes, com os mais magnânimos e fortes e com os mais letrados e sábios que acho neles, e só destas gentes magníficas sou

honrada»<sup>19</sup>. Numa eventual alusão aos tempos e ambientes exemplares em que viveu fora da sua ilha, em Espanha e Portugal, Frutuoso enaltece a educação e a virtude como os caminhos que poderão orientar as pessoas e a sociedade para a verdade. A memória desses tempos poderá mesmo servir-lhe de inspiração para a severa apreciação crítica que faz da sociedade do seu tempo, não assente na honra e no saber, mas no fingimento e na ostentação, em que todos procuram parecer o que não são e exibir o que não possuem. Por isso lastima o predomínio do estilo de vida que, em geral, as pessoas adotam, o qual, por torná-las completamente insensíveis aos argumentos da Verdade, só lhe poderá dar motivos para «chorar com saudade daquele bom tempo passado e consumido».

As *Saudades do Céu* refletem a memória que a Verdade conserva de um tempo passado, que, apesar de ignorado pelo comum das pessoas, se apresenta como destino do homem e estado de vida após a morte. Será a evocação do seu conhecimento que lhe dará ânimo para ganhar, nesta «idade de barro» em que presentemente vive, «gosto nos desgostos, alegria nas tristezas, nas desconsolações consolação, nas tardanças esperança, e caridade, e descanso nos trabalhos sofridos por tão bom Deus, e Senhor»<sup>20</sup>. Se a verdade propriamente dita, a verdade incriada, se identifica com o próprio Cristo, que disse ser «Caminho, Verdade e Vida», a verdade criada, que a protagonista do monólogo das *Saudades do Céu* pretende tratar, «segundo alguns, é consentimento do entendimento em a coisa que se lhe propõe, dizendo, isto é assim: o que outros declaram dizendo, que a verdade criada é igualdade da coisa ao entendimento, se quando não é mais nem menos na palavra que na mesma coisa; ou na palavra, que no coração»<sup>21</sup>. Mas, apesar de compreender a verdade em termos de adequação do entendimento e a realidade, quer ao nível da experiência exterior, quer dos mais edificantes sentimentos, haverá que atender à precaridade dessa adequação: «as verdades dos filhos dos homens (...) não tem seu peso cheio», esclarece de seguida. Todavia,

---

<sup>19</sup> Gaspar Frutuoso, *Livro Primeiro das Saudades da Terra*, pp. 32-33.

<sup>20</sup> Gaspar Frutuoso, *Saudades do Céu*, p. 43.

<sup>21</sup> *Ibidem*, p. 34.

não está vedado ao homem o seu conhecimento adequado, que poderá sempre ser aperfeiçoado, avançando o autor alguns conselhos para o distinguir do erro. Assim, começa por dizer, em primeiro lugar, que a verdade se conhece como se conhece uma moeda: pelo som, pelo peso e pelo toque:

Primeiro no bom som nas palavras verdadeiras, não dizendo mal de ninguém, dizendo bem de todos, e sendo grave no falar, porque como dizem quem muito fala dele dana, muitos néscios cuidam que em falar muito são discretos, mas nisto mostram sua muita ignorância. A segunda no peso, na gravidade dos costumes, e que seja o homem essencial, e não aparente, ou fantástico. A terceira maneira melhor se conhece no toque, se na boa conversação, e contratação, que por afeição não deixe, a verdade<sup>22</sup>.

Mas, em última análise, a verdade compreende-se sempre por analogia ao Ser de Deus, que é o seu analogado principal e de que ela é propriamente a expressão, pelo que toda a verdade na terra é sempre um reflexo ou uma participação da verdade incriada. Nesta sequência, Frutuoso adverte no capítulo terceiro para a necessidade de mudar de atitude em relação à verdade, a quem se deve «ter grande respeito pelo que se deve a Deus, que é verdade increada (*sic*), donde eu trago mais alta e antiga origem, que me criou criada quando temporalmente criou o tempo, que me deu por Pai cá na Terra para me manifestar ao Mundo»<sup>23</sup>. Compara, de seguida, a sua missão na Terra à de Jonas, profeta que «figura a verdade»<sup>24</sup>, diz Frutuoso. Pois, assim como Jonas padeceu diversas tribulações, até ser arrastado para as profundezas do mar, no ventre dum baleia que o engoliu vivo e depois o lançou na praia de Nínive, para cumprir a missão profética que lhe estava destinada, assim também a verdade é oprimida e perseguida entre os homens, «mas finalmente sobre tudo vence», segundo a promessa de Cristo, a quem permanecer no seu amor.

---

<sup>22</sup> *Ibidem*, p. 34.

<sup>23</sup> *Ibidem*, p. 39.

<sup>24</sup> *Ibidem*, p. 34.

#### 4. A saudade e o sentido último da vida

Pronunciar um discurso segundo critérios de verdade constitui imperativo não somente do sacerdote e pregador, mas também do historiador, que foi Gaspar Frutuoso. Nos variados domínios que foram versados pela sua prosa histórica, o autor propõe-se contar a verdade sem condições, pois, conforme diz, se alguma condição a verdade possui «é que se há de dizer à boca cheia»<sup>25</sup>. A verdade, porém, a que Frutuoso se reporta não se circunscreve ao domínio factual nem tão pouco à especulação epistemológica, mas visa, essencialmente, a verdade da fé ou da revelação de Cristo, o restaurador da ordem subvertida pela fatídica transgressão que levou à queda da humanidade. As *Saudades do Céu* propõem-se concluir esta visão da verdade já iniciada nos primeiros oito capítulos do *Livro Primeiro das Saudades da Terra*, pelo que as considerações de índole metafísica sobre a sua natureza merecem de Frutuoso apenas uma referência breve. Em contrapartida, a sua atenção concentra-se na abordagem da verdade a partir da mobilização de diversos passos das Escrituras, com especial realce para as palavras de Cristo, que é apresentado como mestre e guia da verdade, e para diversas histórias que ajudam a compreender a sua natureza e excelência. Reconhecemos nesta atitude o compromisso apostólico do autor de vincular a sua obra historiográfica a um propósito moralizante da sociedade do seu tempo que, por se não sujeitar à «ordem da Providência divina na repartição das coisas»<sup>26</sup>, se deixou possuir por invejas e dissídios.

A alegoria de Frutuoso, por conseguinte, não poderá entender-se nem como uma produção meramente literária, que segue cânones muito propensos à imitação e em que as pessoas se reviam, nem se restringe a uma especulação de teor meramente filosófico. Pelo contrário, cumpre ainda o propósito de exortar as pessoas a adotarem um modo de vida mais autêntico: em primeiro lugar, a nível espiritual, procurando desviar o olhar dos «desatinos tão desatinados» das coisas mundanas para o dirigir para as «coisas vivas do céu nossa pátria, que

---

<sup>25</sup> *Ibidem.*

<sup>26</sup> *Ibidem*, p. 37.

é terra dos vivos, para que os bons nasceram»<sup>27</sup>; em segundo lugar, na sua dimensão social, denunciando os artificialismos que desvirtuavam a sociedade insular pela quebra da harmonia da sua ordem primitiva, a que já aludimos antes. O discurso alegórico de Frutuoso desenha-se, assim, a partir da memória dum estado de vida de perfeita sintonia entre o querer e o conhecimento da verdade e do bem, a qual serve como referência permanente para deplorar a ruína em que se encontra a sociedade, marcada pelo afastamento deste estilo de vida longínquo que se mostra como modelo a seguir, e que até teria vigorado nos primórdios da sociedade insular. Nos capítulos iniciais do *Livro Primeiro das Saudades da Terra*, esta ambivalência entre as «saudades de tanto bem perdido» que, como vimos atrás, se reporta à queda original e faz crescer a tristeza da Verdade, e a crítica à desordem social e à decomposição dos costumes, que leva as pessoas a viverem longe dos desígnios que a Verdade corporiza, permitirá certamente vislumbrar o intuito de intervir na regeneração da sociedade do tempo. A lembrança dos tempos de felicidade, em que a Verdade viveu outrora, faz entristecer o seu coração com a saudade de uma «dourada idade»<sup>28</sup>, trocada por uma vida sujeita às vicissitudes do tempo que corrói e altera a ordem da criação. O fluir da história, que é de muitas mortes feita, compreende-se, pois, como um tempo marcado pelo desgaste e pela ruína que é preciso reparar, a fim de corresponder aos apelos de um tempo que não conhece mudança.

O cenário de uma vida perfeita, produzido a partir da narrativa do livro do *Génesis*, perpassa permanentemente a visão que Frutuoso transmite dos homens e da sociedade do seu tempo, que se afastam de um ideal de vida que é lembrado com afeto. Este contraste é particularmente acentuado, no capítulo terceiro das *Saudades do Céu*, ao associar a sua personagem da alegoria – a Verdade – com o Tempo, que Deus, ao criá-la, diz ela, «me deu por Pai cá na Terra para me manifestar ao Mundo»<sup>29</sup>, conforme já antes referimos. Nele se sucedem os desmandos da história,

---

<sup>27</sup> *Ibidem*, p. 41.

<sup>28</sup> Gaspar Frutuoso, *Livro Primeiro das Saudades da Terra*, p. 58.

<sup>29</sup> A presente citação e as seguintes, salvo indicação em contrário, são do terceiro capítulo das *Saudades do Céu*, pp. 39-42.

ou seja, agravam-se as «enfermidades da alma» devido aos «muitos chuveiros de males» que sobrevêm à sociedade. A sucessão de constantes transformações, que «tudo muda, e altera, renova, e envelhece, gasta, e consume, cura, e mata», é motivo de profunda tristeza para a Verdade, que deplora o triste estado de decadência de seu pai, o Tempo,

que nesta vida triste se mudou já o estado e a idade da inocência, em idade e tempo de culpa, a idade dourada em pobreza (...), e de tempo que se chamava dantes se chama agora ponte, por que já por ele passaram os contentamentos, e as alegrias todas douradas, que como ouro o alegravam, e a inocência que como idade de pedras preciosas o fazia ledó, e alegre, e passa agora grande caterva de desgostos, e tristezas.

A mudança de nome, pela alteração da ordem das letras, de Tempo para Ponte, «por se ver tão trocado e mudado», é sinal da desfiguração que o afeta e o tornou, mais propriamente, um «protheo (*sic*) mudado em mil figuras». Por se ver arrastada nessa degenerescência, a Verdade partilha com o Tempo o grande enfado e tristeza que a decadência deste mundo provoca e, para evitar maiores mágoas, procura refúgio, diz ela, «nesta solitária serra, donde mais livre, e desembaraçadamente vejo o céu, e contemplo nele». Como os dois amigos, protagonistas da novela que constitui o *Livro Quinto das Saudades da Terra*, que se decidiram a «ir buscar pelo mundo algum rasto das saudades do céu, que é a nossa doce, e desejada pátria», a Verdade corta as amarras com a inautenticidade duma vida que o passar do tempo tem desvirtuado, e deixa-se possuir pelas saudades de um tempo «onde não há senão cousas governadas na obediência do Criador que as criou todas»<sup>30</sup> e a que se encontra ligada de modo inabalável.

Certamente que o autor não desenvolveu uma fundamentação metafísica que justificasse de forma sistemática o primado da verdade, do bem e da justiça na ordem das coisas e do agir, e toma como adquirida a sua preeminência, na apreciação que faz do ambiente que lhe era dado

---

<sup>30</sup> Frutuoso, *Livro Primeiro das Saudades da Terra*, p. 9.

perceber no seu tempo. Porém, ao dissociar o tempo histórico do tempo primordial de uma vida marcada pelo «estado e a idade de inocência», e que será preciso recuperar, não deixa de associar a história a uma temporalidade de outra natureza, que não poderá ser interpretada, pura e simplesmente, como um convite à evasão da história, mas antes como instância que permite pensar o seu sentido. No texto de Frutuoso, as referências a um tempo passado, que poderá reabilitar a linha de rumo que a história estava a tomar, não nos remetem necessariamente para fora da história, mas para um tempo antigo, em que «por ele passaram as monarquias, impérios, reinos e senhorios, as grandezas, riquezas e formosuras lustrosas (...), o suave tom do polido metal de afamados e famosos homens de grande fama». O tempo em que Deus «durara sempre nele», enquanto «reinava em alguns dos estados, e reinos passados», remete-nos para épocas históricas mais recuadas e de costumes mais depurados, não nos apontando o regresso a um tempo idílico e primordial, desligado da história. A ligação entre o Céu e a Terra não se opera pela recusa da história mas pelo empenho em imprimir à vida do homem e da sociedade a ordem intemporal que vigorou nas origens da sociedade. Para o autor, o estado de perfeição não parece incompatível com a vida social que deverá reger-se, como outrora acontecera, por critérios de verdade e de bem. Procura-se, assim, fazer ver à sociedade de então a necessidade de recuperar a autenticidade de um tipo de vida que ela já possuiu e que não deverá estar sujeito às oscilações do devir da história. O facto de o fio condutor da obra nos encaminhar para um tempo último, fora da história, para onde finalmente remete o *echo* propiciador do «penitente», no epílogo das *Saudades do Céu*, não nos poderá fazer esquecer o imperativo de ordenar a vida social segundo a inspiração regeneradora de um tempo em que imperava a ordem de Deus, em rutura com o tempo que marcava a degenerescência daquela época. O tempo que comanda a história não pertence à ordem do *chronos*, mas talvez do *kairós*, categoria a que Manuel Cândido Pimentel recorre, na análise a que submete a visão profética do P. António Vieira, que não se pretende transpor diretamente para a presente abordagem: um «tempo assumptivo» que ao recuperar o divino para os destinos do homem e da história, nos encaminha para «o tempo próprio da

saudade e igualmente da esperança»<sup>31</sup>. A saudade remete-nos para a autenticidade de um estilo de vida em consonância com o destino último da história, apontando aos homens e à sociedade o caminho de salvação que os deverá mobilizar. Deste modo, a saudade, que Gaspar Frutuoso toma para título das suas duas obras e que emerge como sentimento que acompanha em permanência o triste e solitário desterro da Verdade, não somente detém, como em D. Duarte, o primado sobre os demais sentimentos<sup>32</sup>, mas é também ela, como observa Manuel Cândido Pimentel, ao analisar a dimensão filosófica que o tema da saudade alcançou em António Dias Magalhães, que «nos radica na *fonte do ser*, traduzindo a nossa *autenticidade original*»<sup>33</sup>. O sentimento da saudade opera uma ligação da reflexão frutuosiana sobre o homem e a sociedade com a ordem divina das origens, cuja ausência nos remete para a sua presença, como diz Pinharanda Gomes, ao defender, na linha de Álvaro Ribeiro, o sentimento da saudade como reabilitação da relação do homem com o seu fundamento, isto é, como forma de orientar as suas raízes para o solo fértil das suas origens, o qual encontra na noção de *firmamento* a sua expressão mais consistente<sup>34</sup>. A saudade envolve-nos, assim, na direção de uma instância fundacional que dá firmeza ou solidez às opções e aos projetos individuais e sociais, apontando para o horizonte último do itinerário do homem e da história, que deverá animar todas as suas opções. Todavia, esta intencionalidade não resulta na apropriação de algo de incondicional que a possa preencher e trazer até alguma consolação. Muito pelo contrário, o sentimento saudoso é todo ele feito de espera duma totalidade irrecusável e sempre prometida, que acaba por projetar todo o agir individual e coletivo para além de qualquer finalidade em concreto de que nos possamos apropriar.

No final do penúltimo capítulo das *Saudades do Céu*, em que a Verdade mostra já total desinteresse pelas «coisas da Terra» e o seu isolamento atinge o apogeu, é o sentimento saudoso que desvanece

---

<sup>31</sup> Manuel Cândido Pimentel, *De Chronos a Kairós*, p. 78.

<sup>32</sup> Cf. cap. anterior, «O tema da “saudade” em Gaspar Frutuoso», p. 26.

<sup>33</sup> Manuel Cândido Pimentel, *Razão Comovida*, p. 291.

<sup>34</sup> Cf. *ibidem*, pp. 373-379.

nela a solidão e tristeza, ou seja, é a saudade que, paradoxalmente, a faz afirmar

estar menos triste nesta solitária serra, donde mais livre, e desembaraçadamente vejo o Céu, e contemplo nele; não me lembrando já do mundo, nem desejando, nem querendo mais ouvir nem saber os seus desatinos tão desatinados, seus vários casos, suas vãs esperanças, suas certas calamidades, que tudo são trabalhos do corpo, e inquietações da alma. Já estou de rouca sem fala, e de mudada muda, para as coisas da Terra, que tanto me desterram (...), e feita toda com saudade do Céu uma doce saudade. Oh! Deus saudade minha, quando vos alcançarei gozar: Oh! Quando vos veria?

A “saudade”, nos dois livros de Frutuoso, responde a um desencantamento do presente e a uma fixação num passado que se desfigurou e num futuro que o poderá restabelecer. Mas, ao mesmo tempo que faz sobressair a densidade ontológica deste sentimento, revela também a sua natureza primigénia, que não se confunde nem nasce de nenhum outro. O sentimento saudoso não se identifica nem deriva da solidão e da tristeza que atingem a Verdade, mas, pelo contrário, anima-a a livrar-se da opressão que lhe provoca o desterro solitário da vida social e da pungente tristeza duma vida espiritual desordenada. Quanto mais solitária e triste pelo desprezo que lhe merece o convívio social e «as coisas da Terra», mais a Verdade se sente livre e possuída da «saudade do Céu»<sup>35</sup>, a qual também faz crescer nos dois amigos, protagonistas do

---

<sup>35</sup> O autor, pela boca da Verdade, mostra à Fama, sua interlocutora, o estado de alma de que está possuído, nos seguintes termos: “não sendo já no mundo quem ser soía, não quero ouvir as coisas dele; das quais, e de todas as da Terra tenho já perdida a saudade, por isso Senhora, ainda que vos agradeço muito o vosso bom desejo de as quererdes contar, vos peço as não conteis, e (como dizia o Redentor do Mundo) deixemos aos mortos, e mundanos enterrar seus mortos. Falemos somente das coisas vivas do Céu, nossa pátria, que é terra dos vivos, para que os bons nasceram, e empreguemos melhor o tempo do que até aqui fizemos, não seja tudo igual, varíemos as práticas”. Não hesita em demover a Fama do propósito de narrar as impressões da via-

*Livro Quinto das Saudades da Terra*, o desejo reconfortante de «mudar a vida passada, e procurar a do Céu, de que tinham estranhas saudades»<sup>36</sup>. A saudade é arrimo e alento para recuperar a autenticidade da vida, que jorra da memória de um tempo idílico de felicidade, sendo também, por isso, saudades do futuro, de um futuro que anseia pela regeneração da história e pela vida plena da promessa.

O pensamento de Frutuoso nesta temática compreende-se, assim, na distensão entre dois géneros de vida, a saber: a vida terrena, marcada pela vertigem da queda da «dourada idade já perdida»<sup>37</sup>, e que é mister recuperar; a vida do Céu, a que se sente ligado e permanece leal pelos vínculos da lembrança, ou seja, por estranhas «saudades do Céu, que é a nossa doce, e desejada pátria»<sup>38</sup>. As saudades do Céu guiam a vida social e individual, mas conduzem também a oração final que remata a obra com o dilacerante pranto da prece de um anónimo pecador arrependido, a preparar-se, como verdadeiro penitente, para ganhar a misericórdia de Deus.

---

gem que fez às outras ilhas dos Açores («Ilhas de Baixo»), que foram objeto do *Livro Sexto das Saudades da Terra*, o último da sua obra de historiador, e a que parece aludir a parte final da passagem citada. Logo abaixo, no parágrafo seguinte, diz claramente: “Senhora vos não pergunto pelas particularidades das Ilhas de Baixo, que fostes ver, por trazer já o pensamento já levantado no Céu”, o que também constitui um forte indício da composição tardia das *Saudades do Céu*, já depois do autor ter terminado a sua obra de historiador.

<sup>36</sup> Gaspar Frutuoso, *Saudades do Céu*, p. 43.

<sup>37</sup> Gaspar Frutuoso, *Livro Primeiro das Saudades da Terra*, p. 49.

<sup>38</sup> Gaspar Frutuoso, *Saudades do Céu*, p. 41.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Obras:

- Frutuoso, Gaspar, *Livro Primeiro das Saudades da Terra*, Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1984.
- Frutuoso, Gaspar, *Livro Segundo das Saudades da Terra*, Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1979.
- Frutuoso, Gaspar, *Livro Terceiro das Saudades da Terra*, Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1983.
- Frutuoso, Gaspar, *Livro Quarto das Saudades da Terra*, Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 3 vs., 1977-1981.
- Frutuoso, Gaspar, *Livro Quinto das Saudades da Terra*, Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1984.
- Frutuoso, Gaspar, *Livro Sexto das Saudades da Terra*, Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1978.
- Frutuoso, Gaspar, *Saudades do Céu*, Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 2011.

### Bibliografia:

- Boécio, *Consolação da Filosofia*, trad. de Luís M. G. Cerqueira, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.
- Botelho, Afonso, «D. Duarte e a fenomenologia da saudade», em Afonso Botelho e António Braz Teixeira (org.), *Filosofia da Saudade*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1986, pp. 686-693.
- Braz Teixeira, António, «Metafísica da Saudade de António Dias de Magalhães», em *Revista Portuguesa de Filosofia*, Braga: 47 (1991) 4, pp. 589-598.

- Braz Teixeira, António, «A “Renascença Portuguesa”, movimento plural», em *A Vida Imaginada. Textos sobre Teatro e Literatura*, Lisboa: MIL (Movimento Internacional Lusófono), 2020, pp. 192-202.
- Braz Teixeira, António, «Do ‘saber do coração’ à razão atlântica», em *Interrogação e Discurso. Estudos sobre Filosofia Luso-Brasileira e Ibérica*, Lisboa: MIL (Movimento Internacional Lusófono), 2021, pp. 60-65.
- Cândido Pimentel, Manuel, *De Chronos a Kairós. Caminhos Filosóficos do Padre António Vieira*, Aparecida: Ed. Ideias & Letras, 2008.
- Cândido Pimentel, Manuel, *Razão Comovida*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2011.
- Cassirer, Ernst, *An Essay on Man. An Introduction to a Philosophy of Human Culture*, New Haven e London: Yale University Press, 1977.
- Cordeiro, António, *Historia Insulana das Ilhas a Portugal Sugeytas no Oceano Occidental [1717]*, Angra do Heroísmo: Presidência do Governo dos Açores: Direção Regional da Cultura, 2.<sup>a</sup> ed., 2007.
- D. Duarte, *Leal Conselheiro*, em António Sérgio (org.), *Prosa Doutrinal de Autores Portugueses*, Lisboa: Portugália Editora, s/d.
- Damião Rodrigues, José, «Gaspar Frutuoso e as dinâmicas sociais e políticas no século XVI», em Mário Viana (coord.), *História da Ilha do Faial. Das Origens à Época de Elevação da Horta a Cidade*, Horta: Edição da Câmara Municipal da Horta, 2008, v. I, pp. 296-303.
- Damião Rodrigues, José, «Élites locais e redes de poder em São Miguel no século XVI: O testemunho de Gaspar Frutuoso», em *Histórias Atlânticas. Os Açores na Primeira Modernidade*, Ponta Delgada: Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores, 2012, pp. 99-110.
- Damião Rodrigues, José, «Nobrezas locais e apropriação do espaço: A vinculação em São Miguel no reinado de D. Manuel», em *Histórias Atlânticas: Os Açores na Primeira Modernidade*, Ponta Delgada: Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores, 2012, pp. 81-97.
- Duhot, Jean-Joël, *La conception stoïcienne de la causalité*, Paris: Vrin, 1989.
- Eliade, Mircea, *O Mito do Eterno Retorno*, trad. de Manuela Torres, Lisboa: Edições 70, 1978.

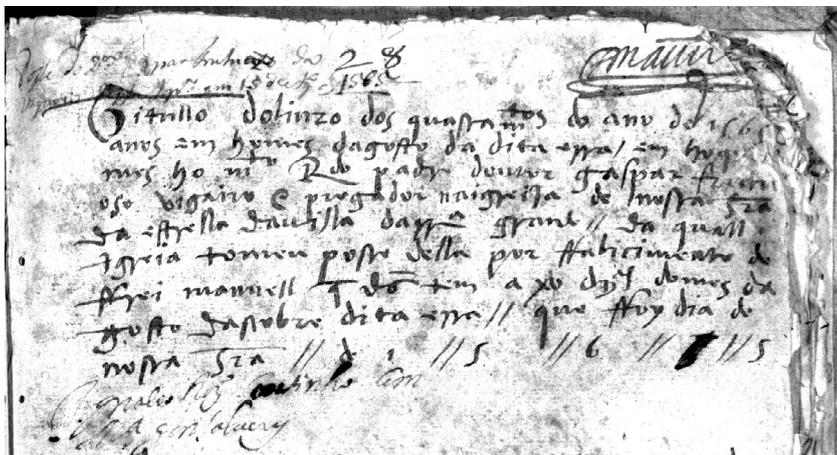
- Enes, José, «Reflexões sobre as *Saudades do Céu*», em Gaspar Frutuoso, *Saudades do Céu*, Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 2011, pp. 9-26.
- Estanqueiro Rocha, Acílio, *Problemática do Estruturalismo*, Lisboa: INIC, 1988.
- Fraga, Maria do Céu, «Gaspar Frutuoso: a literatura, o desterro e as saudades», em Isabel Almeida, Maria Isabel Rocheta e Teresa Amado (org.), *Estudos para Maria Idalina Resina Rodrigues, Maria Lucília Pires e Maria Vitalina Leal de Matos*, Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2007, pp. 675-703.
- Gama, José, «A especificidade temática da 1.<sup>a</sup> e da 2.<sup>a</sup> série de *A Águia*», em Celeste Natário e Renato Epifânio (coord.), «*A Águia*» e *a República: 100 Anos Depois*, Sintra: Zéfiro Edições, 2010, pp. 80-86.
- Goulart, Rosa Maria, «Processos enunciativos em “Saudades da Terra”», em *O Trabalho da Prosa*, Braga: Angelus Novus, 1997, pp. 43-55.
- Gregório, Rute, «Breve análise codicológica de *Saudades do Céu*», em Gaspar Frutuoso, *Saudades do Céu*, Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 2011, pp. 27-28.
- Gusdorf, Georges, *Mythe et métaphysique*, Paris: Flammarion, 1953.
- Gusdorf, Georges, *Les écritures du moi. Lignes de vie 1*, Paris: Éditions Odile Jacob, 1991.
- Ladrière, Jean, *A Articulação do Sentido*, Edições da Universidade de São Paulo, 1977.
- Lalanda, Maria Margarida, «As estruturas sociais micaelenses em Gaspar Frutuoso», em Ana Leal de Faria e Isabel Droumond Braga (org.), *Problematizar a História. Estudos de História Moderna em Homenagem a Maria do Rosário Themudo Barata*, Lisboa: Caleidoscópio e Centro de História da Universidade de Lisboa, 2007, pp. 343-358.
- Marcos de Dios, Ángel, «A formação universitária de Gaspar Frutuoso. Um açoriano na Universidade de Salamanca em meados do século XVI», em Maria do Céu Fraga e outros (org.), *Camões e os Contemporâneos*, Braga: Centro Universitário de Estudos Camonianos, Universidade dos Açores e Universidade Católica Portuguesa, 2012, pp. 419-434.

- Natário, Maria Celeste, «No centenário da República, o centenário d'A *Águia*», em Celeste Natário e Renato Epifânio (coord.), *"A Águia" e a República: 100 Anos Depois*, Sintra: Zéfiro Edições, 2010, pp. 128-136.
- Oliveira Rodrigues, J. B., «O manuscrito original das *Saudades da Terra*», em Gaspar Frutuoso, *Livro Primeiro das Saudades da Terra*, Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1984, pp. CLXVII-CLXXII.
- Pavão, José de Almeida, «A poesia e a novela de Frutuoso», em Gaspar Frutuoso, *Livro Quinto das Saudades da Terra*, Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1984, pp. XXI-LX.
- Ribeiro, Álvaro, *Uma Coisa que Pensa*, Ed. Pax, Braga 1975, excerto em Afonso Botelho e António Braz Teixeira (org.), *Filosofia da Saudade*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1986, pp. 246-248.
- Ricoeur, Paul, *Le conflit des interprétations. Essais d'herméneutique*. Paris: Seuil, 1969.
- Ricoeur, Paul, *Finitude et culpabilité-II. La symbolique du mal*, Paris: Aubier-Montaigne, 1960.
- Rodrigues, Rodrigo, «Notícia biográfica do Dr. Gaspar Frutuoso e apenso de documentos», em Gaspar Frutuoso, *Livro Primeiro das Saudades da Terra*, Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1984, pp. XV-CXVI.
- Simas, João de, «Notícia bibliográfica das *Saudades da Terra*», em Gaspar Frutuoso, *Livro Terceiro das Saudades da Terra*, Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1983, pp. XXXIII-CLXXVIII.
- Teixeira de Pascoaes, *Arte de Ser Português* [1915], Lisboa: Assírio e Alvim, 2.<sup>a</sup> ed. 1993.
- Teixeira de Pascoaes, *O Homem Universal*, Lisboa: Edições Europa, 1937.
- Vasconcelos, Carolina Michaëlis de, *A Saudade Portuguesa* [1914], Lisboa: Guimarães Editores, 1996.

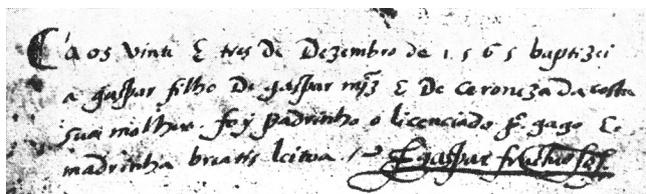
# ÍNDICE

<b>Apresentação</b> .....	7
<b>Introdução</b> .....	9
1. O Homem e a História em Gaspar Frutuoso .....	11
1. Vida e obra.....	11
2. O simbolismo de Frutuoso .....	13
3. O sentido da história .....	17
4. As tensões da vida mundana .....	20
5. A ideia de homem.....	23
2. O tema da <i>saudade</i> em Gaspar Frutuoso .....	29
1. A «saudade» como tema da Filosofia e da Cultura Portuguesas	30
2. A «saudade» das <i>Saudades da Terra</i> .....	34
3. Frutuoso e a «saudade» .....	44
3. Gaspar Frutuoso e a saudade no caminho da redenção do homem	51
1. A «alegoria frutuosiana» e a redenção do homem .....	53
2. As «saudades de tanto bem perdido».....	57
3. Do conhecimento verdadeiro e da ação virtuosa .....	60
4. A saudade e o sentido último da vida .....	65
<b>Referências bibliográficas</b> .....	73

## DOCUMENTOS MANUSCRITOS



Termo de posse do Doutor Gaspar Frutuoso,  
 na Matriz da Ribeira Grande, 15 agosto de 1565.  
 BPARPD, Paróquia da Estrela, Registo de casamentos, 1542-1582, f. [29].



Primeiro assento lavrado por Gaspar Frutuoso, no registo paroquial  
 da Matriz da Ribeira Grande, 23 dezembro de 1565.  
 BPARPD, Paróquia da Estrela, Registo de batismos, 1563-1584, f. 29.



